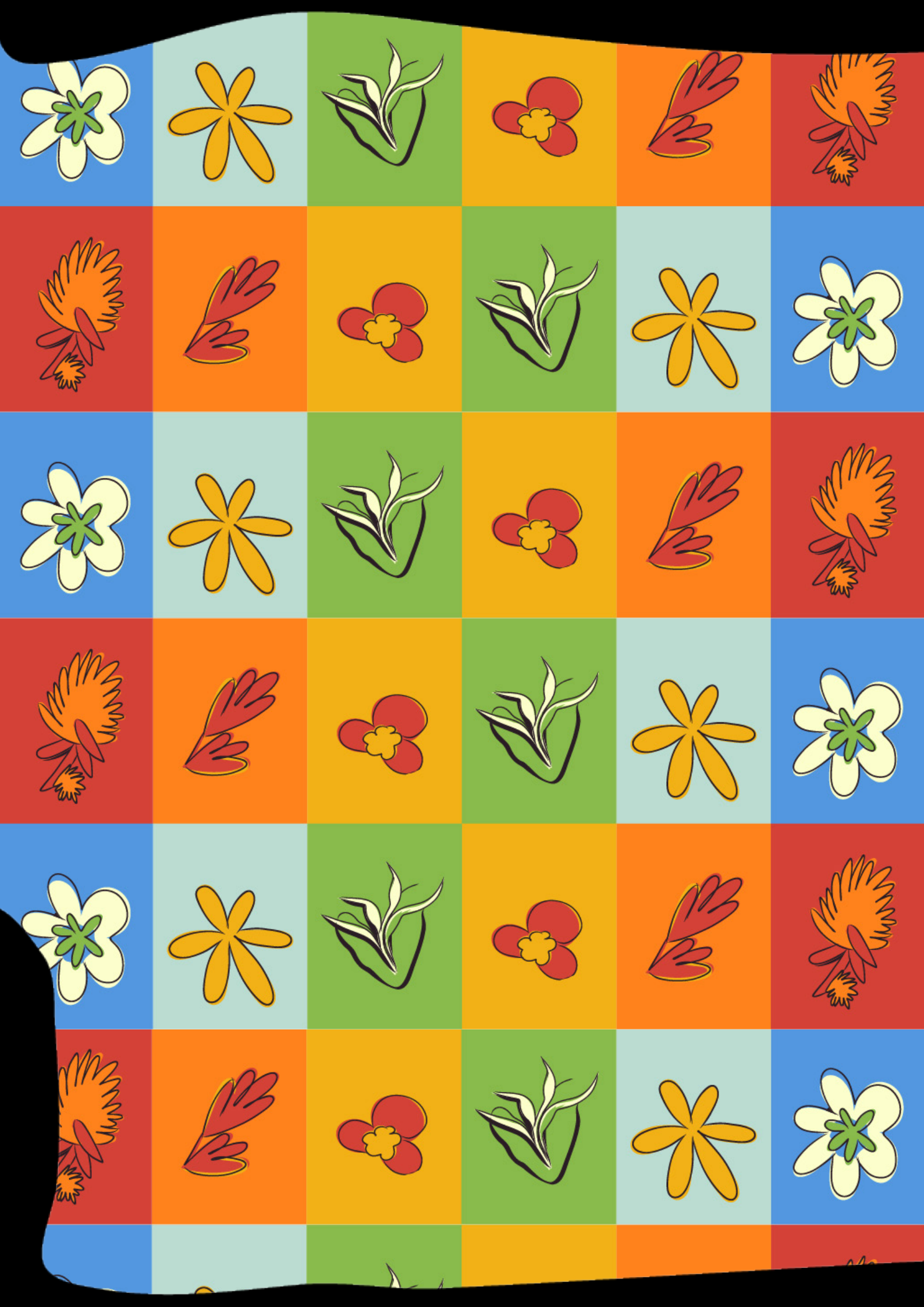
Biomas e diversidade linguística

Módulo didático de treinamento para a monitoria da exposição Línguas e Biomas



Chamada CNPq/MCTI Nº 08/2024
21ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia SNCT 2024

Linha A – Eventos de Abrangência Estadual ou Distrital

Biomas e diversidade linguística

Biomas e diversidade linguística

Módulo Didático de treinamento para a monitoria da Exposição **Línguas & Biomas**

Equipe:

Raquel Meister Ko. Freitag (coordenação geral)
Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Darcylaine Vieira Martins
Eccia Alécia Barreto
Eliabe dos Santos Procópio
Flávia Oliveira Freitas
Jose Manoel Siqueira da Silva
Julian Tejada
Katherine de Albuquerque Mendonça
Keila Vasconcelos Menezes
Lucas Santos Silva de Melo
Marcely Monteiro Faria
Marta Deysiane Alves Faria Sousa
Neyriane Santos da Conceição
Paloma Batista Cardoso
Pedro Paulo Oliveira Barros Souza
Rosangela Barros da Silva
Sandro Marcío Drumond Alves Marengo
Túlio Sousa de Gois
Vanessa Andrade
Yasmine Grazielle da Cruz
Zélia Soares Macedo

Elaboração de conteúdo:

Raquel Meister Ko. Freitag
Paloma Batista Cardoso
Katherine de Albuquerque Mendonça
Graziela Santos Andrade
Marcely Monteiro Farias

Diagramação:
Fernanda Dias

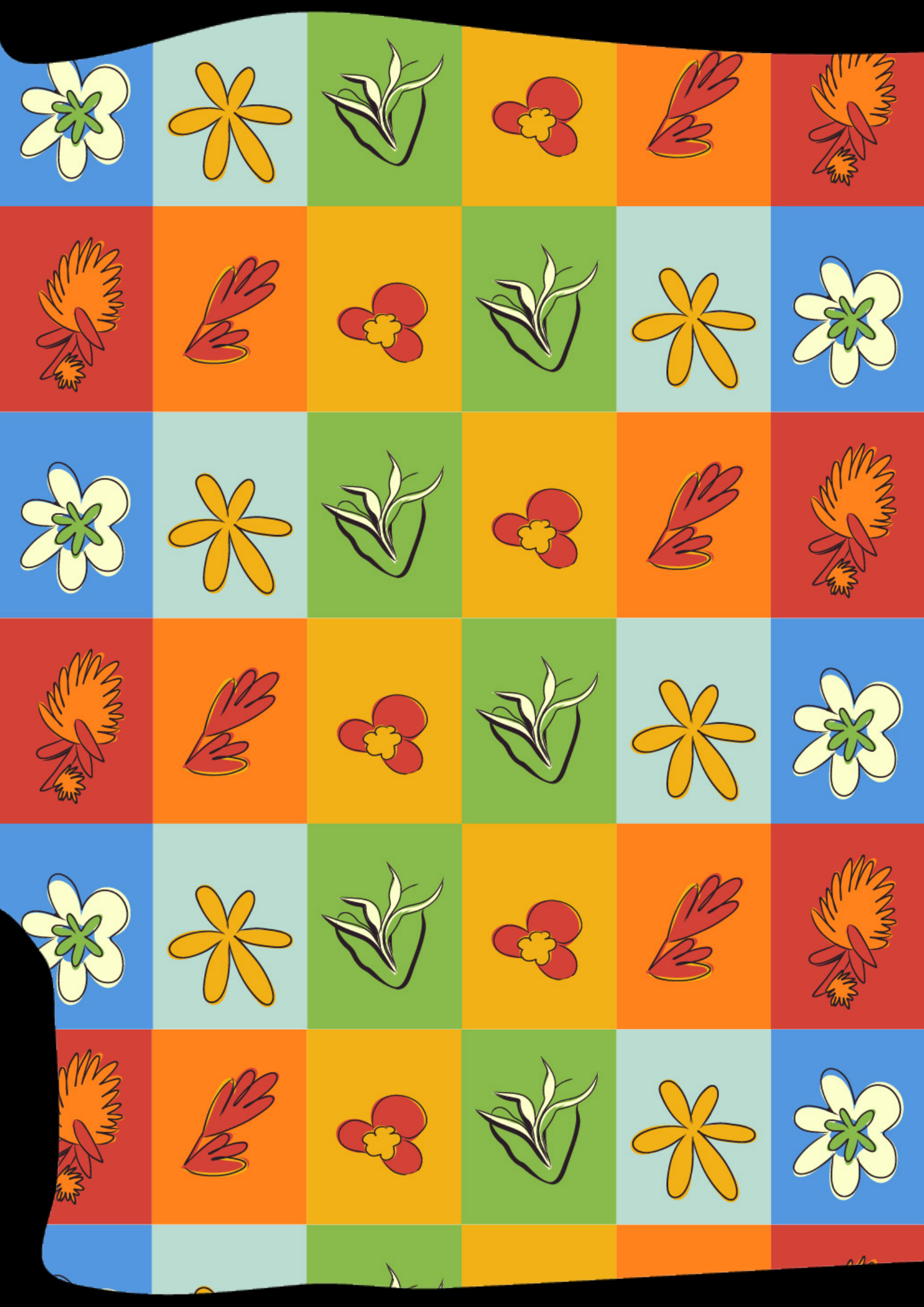
Revisão:
Manoel Siqueira

Como citar:

FREITAG, Raquel Meister Ko.; CARDOSO, Paloma Batista; MENDONÇA; Katherine de Albuquerque; ANDRADE, Graziela Santos; FARIAS, Marcely Monteiro. Biomas e diversidade linguística (Módulo didático de treinamento para a monitoria da Exposição Línguas & Biomas). Universidade Federal de Sergipe, 2024.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá,
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores. [1]

Moro
Num país tropical
Abençoado por Deus
E bonito por natureza, mas que
beleza [2]



Olá monitores!

Neste curso, vamos conhecer um pouco sobre os seis biomas que se estendem pelo território brasileiro: **Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado, Pantanal, Pampa**. Ainda que o Brasil seja um país diverso em seus biomas, na cultura popular, acreditamos que seja apenas um país tropical, invisibilizando sua diversidade

Uma coisa semelhante também acontece com as línguas, e acreditamos que a única língua falada na nossa terra é o português, o que inviabiliza um conjunto de outras línguas e a imensa diversidade dialetal que constitui um país continental como o nosso.

Você sabia que, no Brasil, mais de 200 línguas coexistem com o português? Quais são essas línguas? Quem as fala? Como elas podem ser descritas e registradas? Qual a importância disso? Mais: como línguas e biomas se articulam? Este é o nosso percurso no treinamento para a exposição Línguas & Biomas, atividade integrante da programação da 21ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2024, cujo tema é “Biomas do Brasil: diversidade, saberes e tecnologias sociais”.

Biomas, assim como línguas, vêm sendo destruídos e extintos. A formação científica sobre a relação entre línguas e biomas e a importância da sua preservação é crucial em tempos de queimadas, desmatamento, aquecimento global e glotocídio. A exposição Línguas & Biomas visa sensibilizar as pessoas para a importância da preservação da nossa cultura.

A monitoria tem papel protagonista ao mediar a participação das pessoas que vêm visitar a exposição. Para isso, precisamos de treinamento. Este é um curso sobre biomas, línguas e, consequentemente, sobre ciência. Para combater a crise negacionista que se instaura na sociedade, precisamos de ciência! Esta é a nossa responsabilidade e nossa forma de contribuir para um mundo sustentável.

Também apresentamos um panorama sobre a variação linguística e sobre como as línguas podem ser descritas. Além da coexistência de outras línguas com o português, o português falado nas diferentes partes do Brasil não é o mesmo. Como essas diferenças são descritas e estudadas? Por meio do método científico. Vamos conhecer o papel delinguistas na descrição e no estudo de línguas.

Sumário

O Brasil de 1500 para cá: 11

Os biomas brasileiros 17

- *Amazônia 20*
- *Mata Atlântica 30*
- *Cerrado 36*
- *Caatinga 42*
- *Pampa 46*
- *Pantanal 50*

Biomas e línguas 54

Línguas em variação 56

Percurso de mudança de você 57

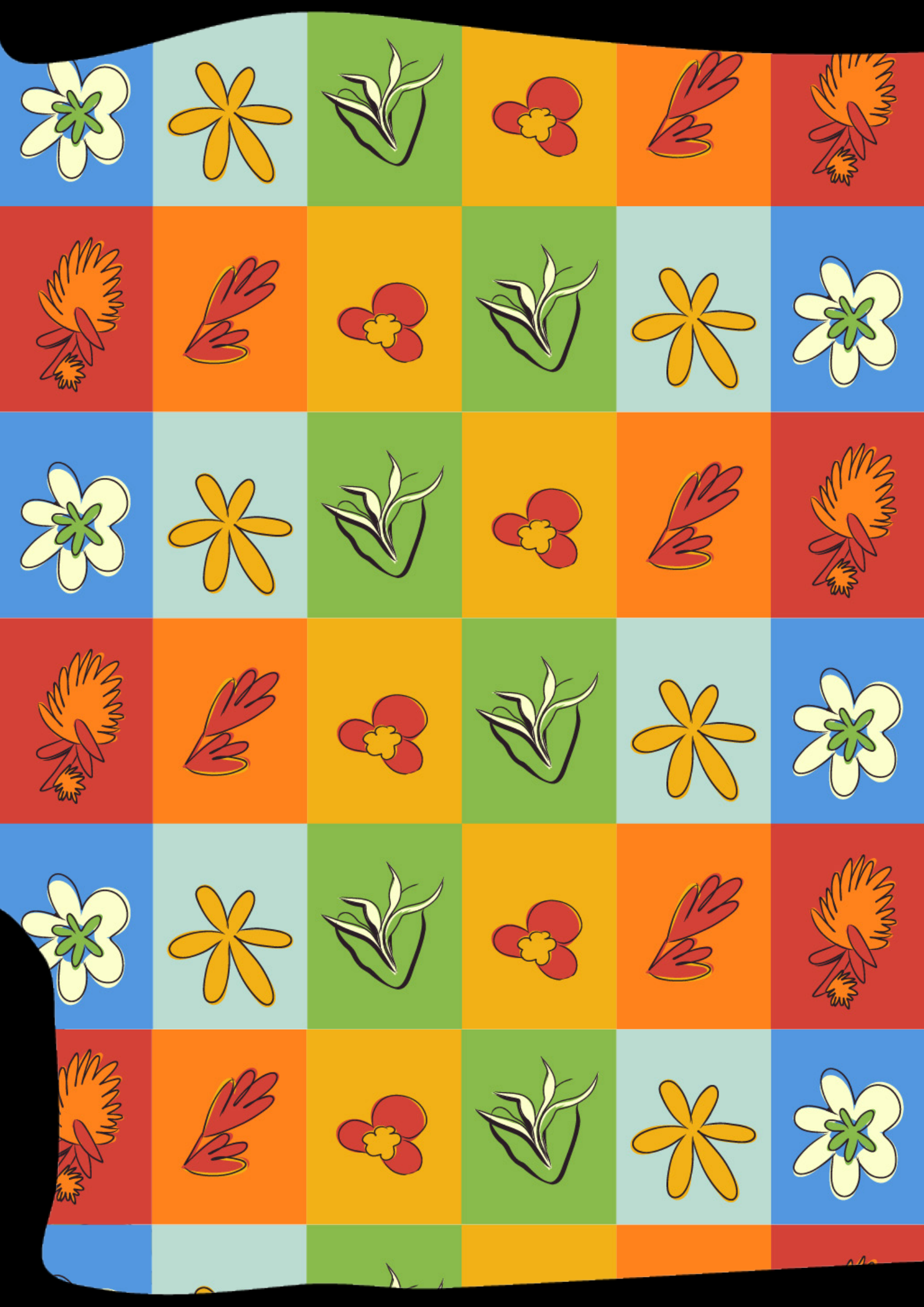
Os níveis linguísticos 57

Mas só ao nível da palavra? 61

Tu viu ou tu viste? 63

Método científico: descrição linguística 65

Referências 70



O Brasil de 1500 para cá:
uma história de exploração de biomas e morte de línguas

O Brasil é um país de rica biodiversidade. A fauna e a flora brasileiras chamaram a atenção de quem se proclamava ter descoberto um novo mundo. Em carta de 1º de maio de 1500, Pero Vaz de Caminha escreveu à Corte portuguesa que:

> Nesta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste ponto temos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas por costa. Tem, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, outras brancas; e a terra por cima é toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é tudo praia redonda, muito chã e muito formosa.
>
> Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande, porque a estender d'olhos não podíamos ver senão terra com arvoredos, que nos parecia muito longa.
>
> Nela até agora não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem coisa alguma de metal ou ferro; nem o vimos. Porém a terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo de agora os achávamos como os de lá.
>
> As águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la, tudo dará nela, por causa das águas que tem.[3]

Fernão Cardim, padre jesuíta português, em 1584, escreveu que

> [...] A terra he algum tanto malencolica, regada de muitas águas, assi de rios caudaes, como do céo, e chove muito nella, principalmente no Inverno; he cheia de grandes arvoredos que todo o anno são verdes; he terra montuosa, principalmente nas fraldas do mar, e de Pernambuco até á Capitania do Espirito Santo se acha pouca pedra, mas dahi até S. Vicente são serras altíssimas, mui fragosas, de grandes penedias e rochedos.[4]

Não foi só a exuberância do território que viria a se chamar Brasil que causou estupefação daqueles que o estavam conhecendo.

Para saber mais:

O nome "Brasil" tem uma origem que mistura realidade e mito, e significa vermelho como brasa. Inicialmente, a terra descoberta pelos portugueses foi chamada de Ilha de Vera Cruz, depois Terra de Santa Cruz. No entanto, o nome "Brasil" começou a se popularizar devido à abundância de pau-brasil, uma árvore que produzia uma tintura vermelha semelhante à cor de brasa. Curiosamente, antes mesmo dda chegada dos portugueses, mapas medievais europeus já registravam uma ilha mítica chamada "Brasil", localizada ao oeste da Irlanda. Ao encontrarem o pau-brasil na nova terra, os portugueses acabaram por associar o nome da ilha lendária à terra recém-descoberta, consolidando o nome que conhecemos hoje.[5]

Além dos grandes arvoredos, os povos que aqui viviam falavam inúmeras línguas. Os forasteiros não entendiam nem eram entendidos por aqueles que aqui viviam. Por isso, eles precisaram aprender as línguas por eles faladas. Estima-se que mais de 1200 línguas e dialetos eram falados quando os europeus chegaram ao território que hoje conhecemos como Brasil.[6] Nesse contexto de contato entre europeus, que se autoproclamavam civilizados, e povos nativos, emergiu uma língua geral, ou seja, uma língua com traços do português europeu e com traços de línguas tupi.

O Brasil que temos hoje difere muito do que existiu outrora. A colonização europeia, que visava a exploração econômica da extração do que aqui havia em nossos biomas (inicialmente, madeira, depois, minérios), teve consequências danosas que perduram até os dias atuais. Foi com a extração da madeira que iniciou o desmatamento do território. Desmatar significa desalojar as vidas que estavam naquele espaço: não só a flora e a fauna, mas também os povos que aqui viviam. Desalojados de seu espaço, as nações indígenas estavam sujeitas à escravização e ao extermínio. Extintas junto com as pessoas que as falavam, estavam as línguas.

Povo ticuna em sua habitação, 1867[7]

A exuberância de flora e fauna que em 1500 impressionou aqueles que aqui chegaram não é atualmente a mesma. As consequências de séculos de exploração foi o assassinato da população nativa do Brasil, das suas línguas, da fauna e da flora nativas.

Línguas e biomas estão intimamente relacionados. Biomas dizem respeito ao conjunto de vida vegetal e animal. Junto à flora e à fauna, nós, com nossas particularidades históricas, coexistimos. Entretanto, nem sempre (ou melhor, quase nunca) essa coexistência é pacífica: de 1500 para cá, a riqueza natural brasileira, que inclui flora, fauna e línguas, vem sendo dizimada. No passado, pela derrubada da vegetação nativa, no presente, pela derrubada e queimada de áreas de vegetação, e pelo glotocídio: o desaparecimento de povos juntamente com suas línguas.

MENU MAIS RECENTES NEXO

EXTRA

Brasil foi responsável por 40% do desmatamento mundial em 2021

Da Redação 28 de abril de 2022 (atualizado 28/12/2023 às 22h28)

Relatório de ONG internacional mostra que o país perdeu 1,5 milhão de hectares de florestas primárias. Dados levantam preocupação

TEMAS

MEIO AMBIENTE

COMPARTILHE

FOTO: ADRIANO MACHADO/REUTERS - 28.SET.2021

NEWSLETTER GRATUITA

Nexo | Hoje

Enviada à noite de segunda a sexta-feira com os fatos mais importantes do dia

Seu e-mail

Este site é protegido por reCAPTCHA e a Política de Privacidade e os Termos de Serviço Google se aplicam.

GRÁFICOS

nos eixos

O melhor em dados e gráficos selecionados por nosso time de infografia para você

Seu e-mail

O Brasil no desmatamento mundial[8]

g1 AMAZONAS amazônica

Amazonas registra 21,6 mil queimadas em 2024 e tem o pior índice em 26 anos, aponta Inpe

Estado está em estado de emergência ambiental por conta das queimadas. Problema também gerou uma onda de fumaça que atinge todas as 62 cidades amazonenses, incluindo Manaus.

Por Matheus Castro, g1 AM

24/09/2024 18h49 · Atualizado há 2 dias

Queimadas na Amazônia em 2024[9]

JORNAL DA USP

PORTAL DA USP FALE CONOSCO WHATSAPP ENVIE UMA PAUTA PODCASTS

ATUALIDADES CIÊNCIAS CULTURA DIVERSIDADE EDUCAÇÃO INSTITUCIONAL RÁDIO USP TECNOLOGIA

Início > Atualidades > O desaparecimento de um idioma é o começo do fim de um povo

O desaparecimento de um idioma é o começo do fim de um povo

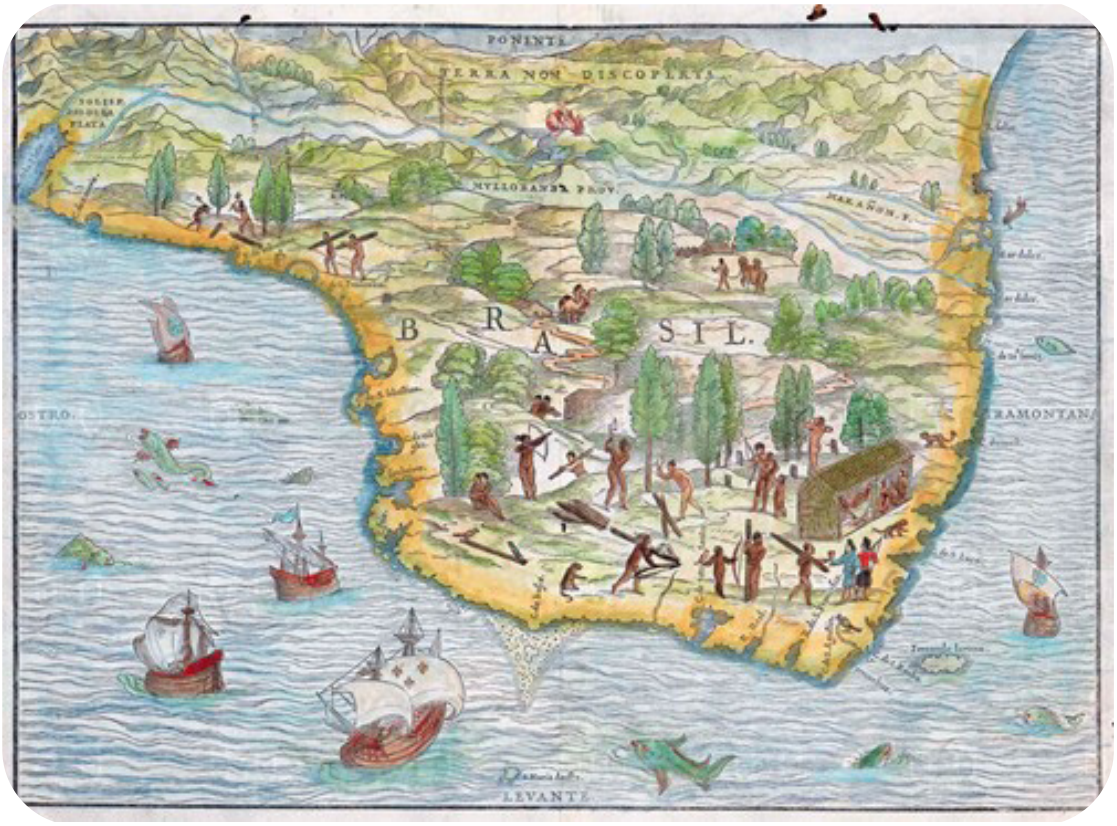
Para o professor Eduardo Navarro, a língua é a essência de um grupo e preservá-la é fundamental para manter a diversidade cultural

Atualidades / Jornal da USP no Ar / Rádio USP - https://jornal.usp.br/?p=526083

08/06/2022 - Publicado há 2 anos

Desaparecimento de línguas[10]

À medida em que as áreas do território foram sendo exploradas, além da diminuição da vegetação nativa, houve também a diminuição das línguas faladas. Das 1200, restam, aproximadamente, 200 línguas, e a maior parte delas está em risco de extinção, assim como as pessoas que as falam e os biomas onde elas vivem. O Brasil de 1500, ainda que sua ilustração não seja totalmente precisa, é muito diferente do Brasil atual:



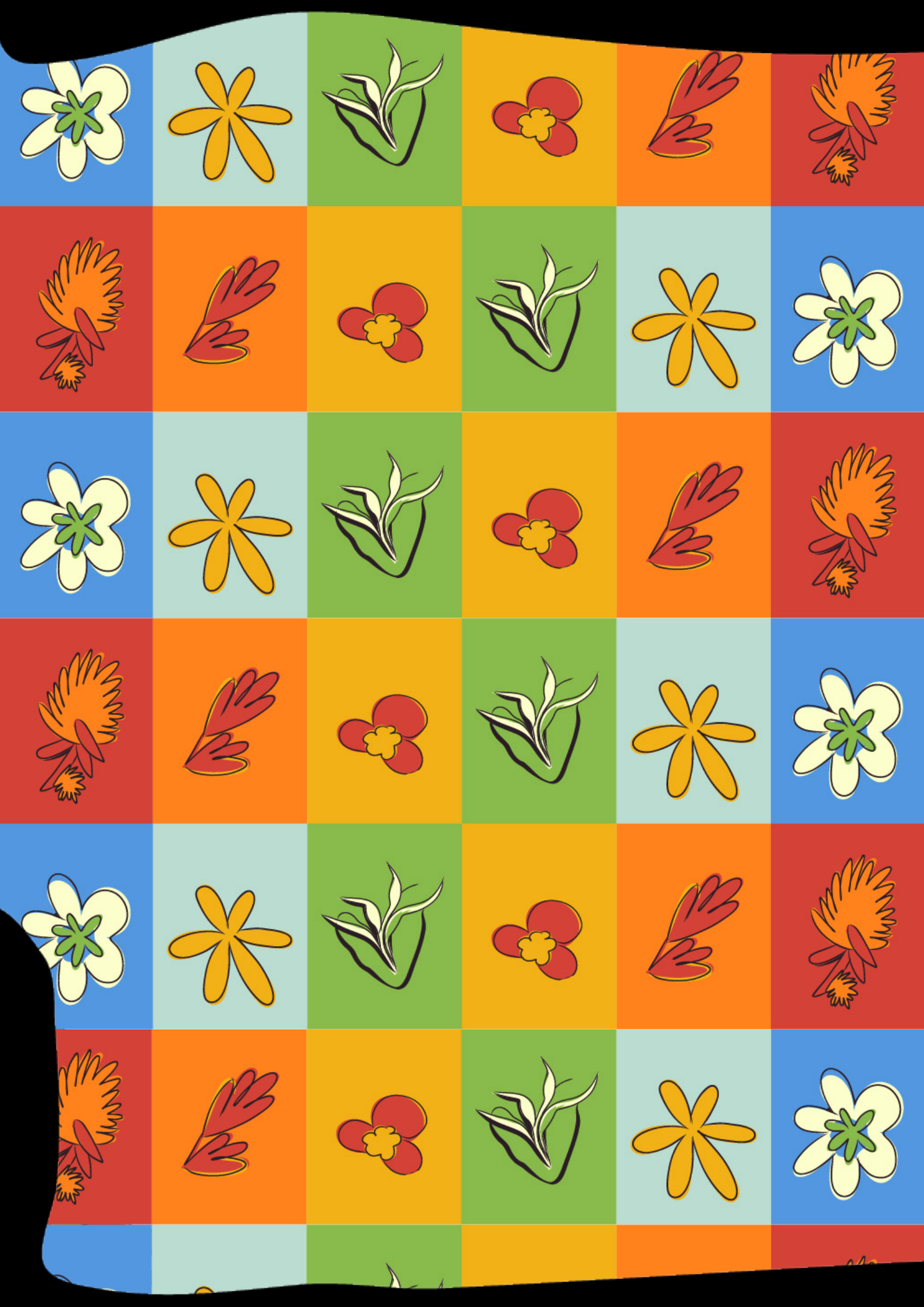
Mapa do território hoje conhecido como Brasil, por Giovanni Battista Ramusio[11]

Para saber mais

O mapa de Giovanni Battista Ramusio, publicado na Navigationi et Viaggi, é considerado, por especialistas, o primeiro mapa do território que hoje é conhecido como Brasil.

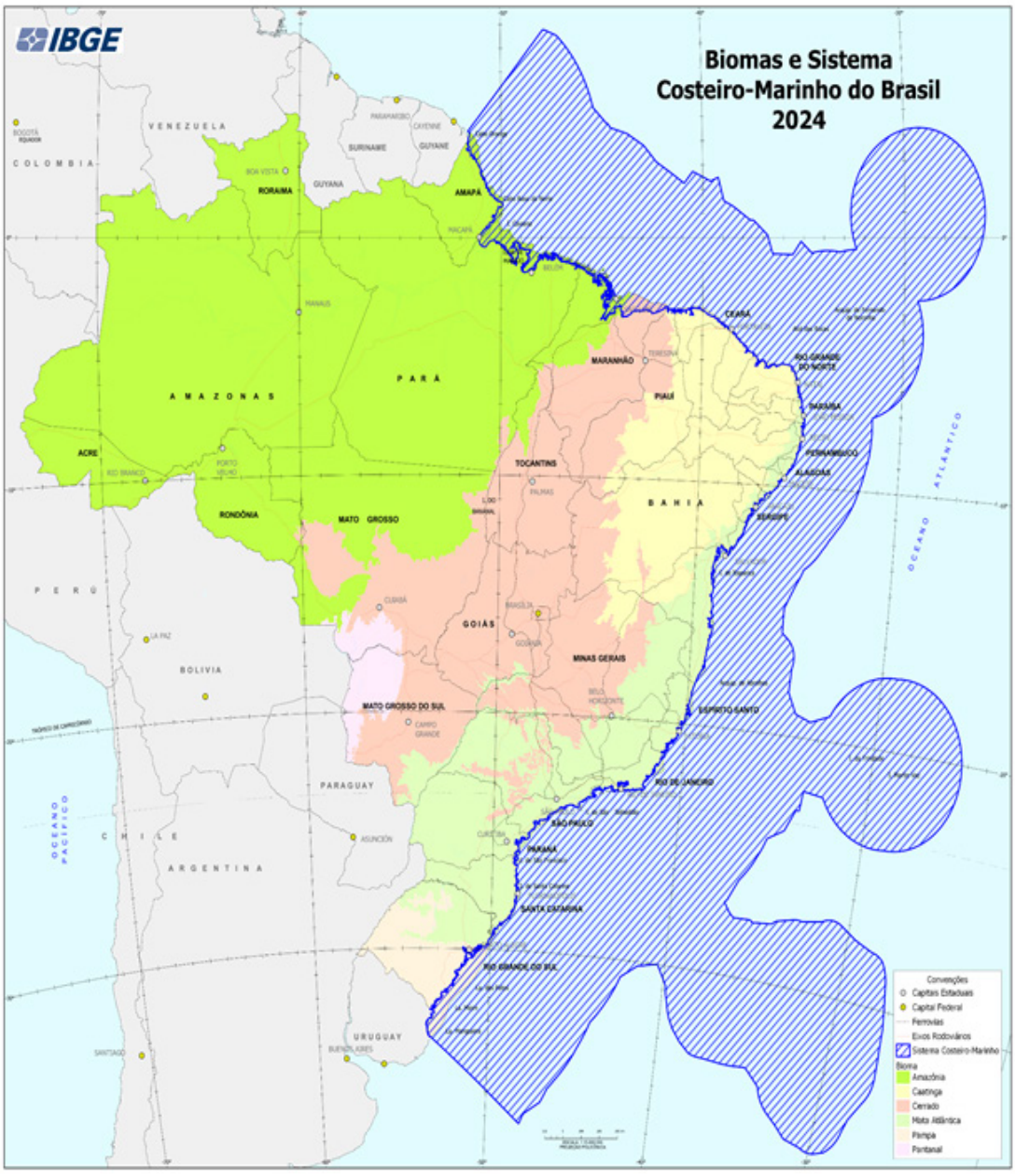
De um cenário de diversidade de línguas e biomas, passamos a um cenário de desmatamento e monolinguismo, ficando no imaginário que o Brasil é um país tropical e onde se fala apenas português.

Para desfazer esses mitos, vamos passear pelos biomas do território brasileiro e conhecer sua fauna, flora, seus povos e algumas das suas línguas. Assim como preservar os biomas é importante para nossa sobrevivência, conhecer como as línguas podem ser descritas e estudadas é importante para sua manutenção e preservação, de modo a garantir, em todas as esferas da sociedade, que brasileiras e brasileiros, independentemente da língua que falem, tenham todos os seus direitos sociais garantidos.



Os biomas brasileiros

Os biomas brasileiros são caracterizados por ampla diversidade de flora, ou seja, pelo conjunto de plantas em uma região, e da fauna, que diz respeito ao conjunto de animais existentes em determinada região. Além da diversidade vegetal e animal, há também a diversidade de brasileiras e brasileiros, e, onde há pessoas, há diversidade linguística.



Biomas e sistema costeiro-marinho do Brasil.[12]

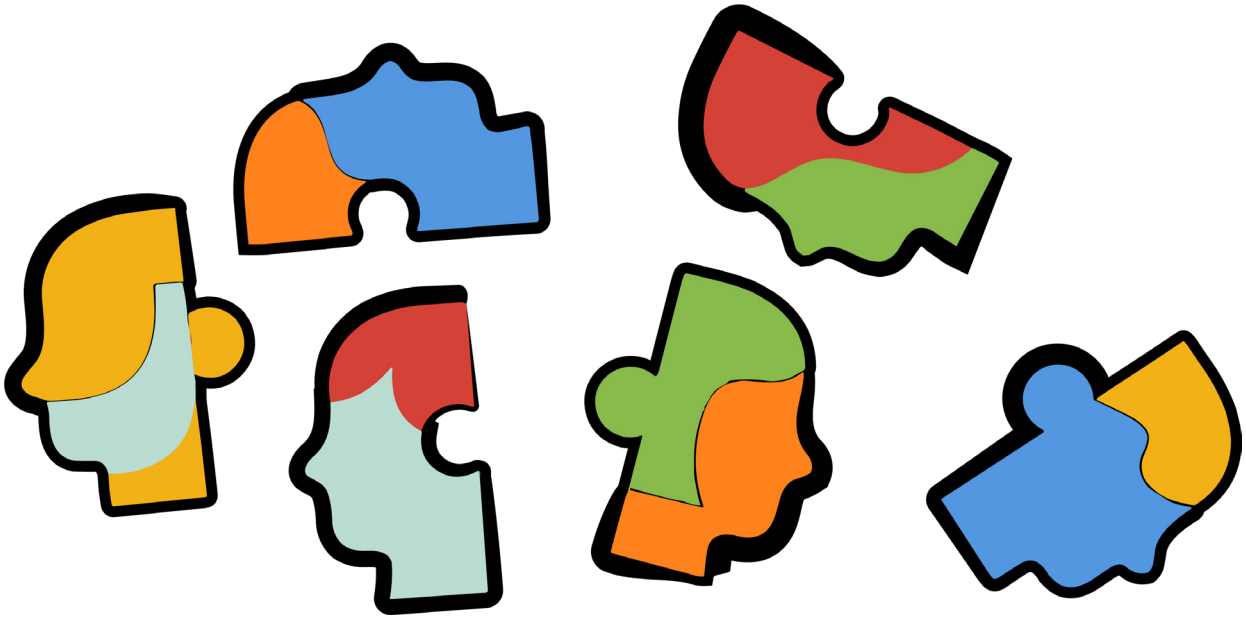
Está na Constituição, no artigo 13: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. Mas nem todo mundo fala português! O Brasil é um país de muitas línguas, mas nem sempre sabemos quais são todas elas. Isso acontece porque o governo brasileiro poucas vezes se interessou em contar quantas e quais línguas são faladas no país. Em toda a história do Brasil, apenas três vezes o governo perguntou sobre as línguas faladas pela população. Isso foi feito nos censos (pesquisas populacionais) de 1950, 1960 e 2010.[13]

Nos anos 1950 e 1960, o objetivo era descobrir quem não falava português e que outras línguas essas pessoas falavam - seja de imigrantes ou dos povos indígenas. Já em 2010, o foco foi nas línguas dos povos indígenas.

Sem essas informações, fica difícil para o governo criar políticas públicas para proteger e valorizar essa diversidade linguística. Por isso, o trabalho de cientistas que estudam as línguas faladas no Brasil é tão importante.

Mas mesmo entre especialistas, há divergências. Por exemplo, não se sabe ao certo quantas línguas indígenas existem no Brasil. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), organismo internacional que tem ações diretas para o multilinguismo, diz que são 190; no Atlas das Línguas Ameaçadas, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) contou 274 línguas no Censo de 2010; e a FUNAI fala em 154 línguas, segundo suas estimativas. Essa diferença acontece porque contar línguas não é uma tarefa fácil, principalmente quando existem povos indígenas que ainda não tiveram contato com a sociedade não-indígena.

Além das línguas indígenas, temos também mais de 50 línguas trazidas por imigrantes e as línguas de sinais. Mas não sabemos exatamente quantas pessoas falam cada uma delas. Essas diferenças nos números mostram como é complicado estudar a diversidade de línguas no Brasil. É um verdadeiro quebra-cabeça que linguistas estão tentando montar para entendermos melhor a riqueza linguística do nosso país.



O reconhecimento e a preservação dessa realidade multilíngue e pluricultural brasileira estão previstos no artigo 216 da Constituição Federal Brasileira: “§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.”

O Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL), instituído pelo Decreto nº 7387/2010, ao se propor a atuar “como instrumento de identificação, documentação, reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (art. 1º), contribui para a diversidade linguística brasileira. As línguas do Brasil, no escopo do INDL, são de seis grupos: indígenas, comunidades afro-brasileiras, imigração, sinais, crioulas e a Língua Portuguesa e suas variações dialetais.

Por isso é importante a realização de ações que promovam a sensibilização para a diversidade linguística, como a da nossa exposição, pois **nem todas as pessoas no Brasil falam português!**

O Brasil é a terra de diversos grupos de pessoas que não têm o português como língua materna, ou que falam português e mais uma língua ensinada por antepassados que migraram de um lugar para outro, ou seja, uma língua de herança.

Podemos pensar na diversidade linguística a partir de duas direções: da coexistência de línguas distintas e da variedade inerente a uma mesma língua. Ainda que o português seja falado por um grande número de brasileiras e brasileiros, o português que nós falamos em Sergipe não é exatamente igual ao português falado na Bahia ou no Paraná.

Para refletir:

Você convive com alguém de outra cidade? de outro estado? há diferença no modo como vocês falam? quais são essas diferenças?

A diversidade das línguas está de alguma forma associada à diversidade de biomas. Vamos conhecer os biomas Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado, Pantanal e Pampa e a diversidade linguística que os caracteriza.

Amazônia

O bioma Amazônia cobre 49% do território Brasileiro. Espalhado por estados do Norte, Centro-Oeste e Nordeste (Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima; parte do território do Maranhão, Mato Grosso, Rondônia e Tocantins).

É o maior do país, além de ser a maior floresta tropical do mundo. Por causa do clima quente e úmido em sua extensão, a floresta Amazônica desempenha papel crucial na regulação do clima global.

Caracterização do bioma Amazônia[14]

Na grande extensão do bioma Amazônia, há diversa fauna e flora. É nesse território que habita a onça pintada *(Panthera onca)*, maior felino das américas e cuja mordida é considerada a maior dentre os felinos de todo o mundo.

Onça pintada[15]

Nas águas desse bioma há outra espécie de destaque: o pirarucu *(Arapaima gigas)*. Nativo da Amazônia e um dos maiores peixes de água doce do planeta, o pirarucu quando adulto pode chegar a três metros de comprimento, pesando de 100 a 200 kg.

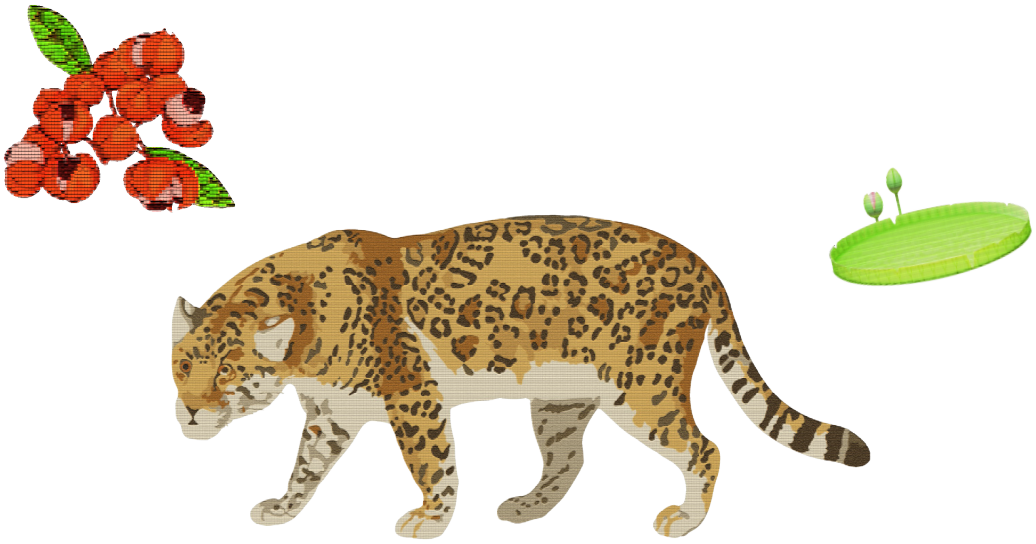
Pirarucu[16]

A suntuosidade característica da fauna amazonense também pode ser observada na flora. A maior planta aquática do mundo, a Vitória-Régia *(Victoria Amazônica)*, é nativa desse bioma.

Vitória-Régia[17]

Também nativo da Amazônia é o guaraná *(Paullinia cupana)*, fruta utilizada para a produção de xaropes, barras, pós, refrigerantes, e de inúmeros produtos da indústria farmacêutica.

Guaraná[18]



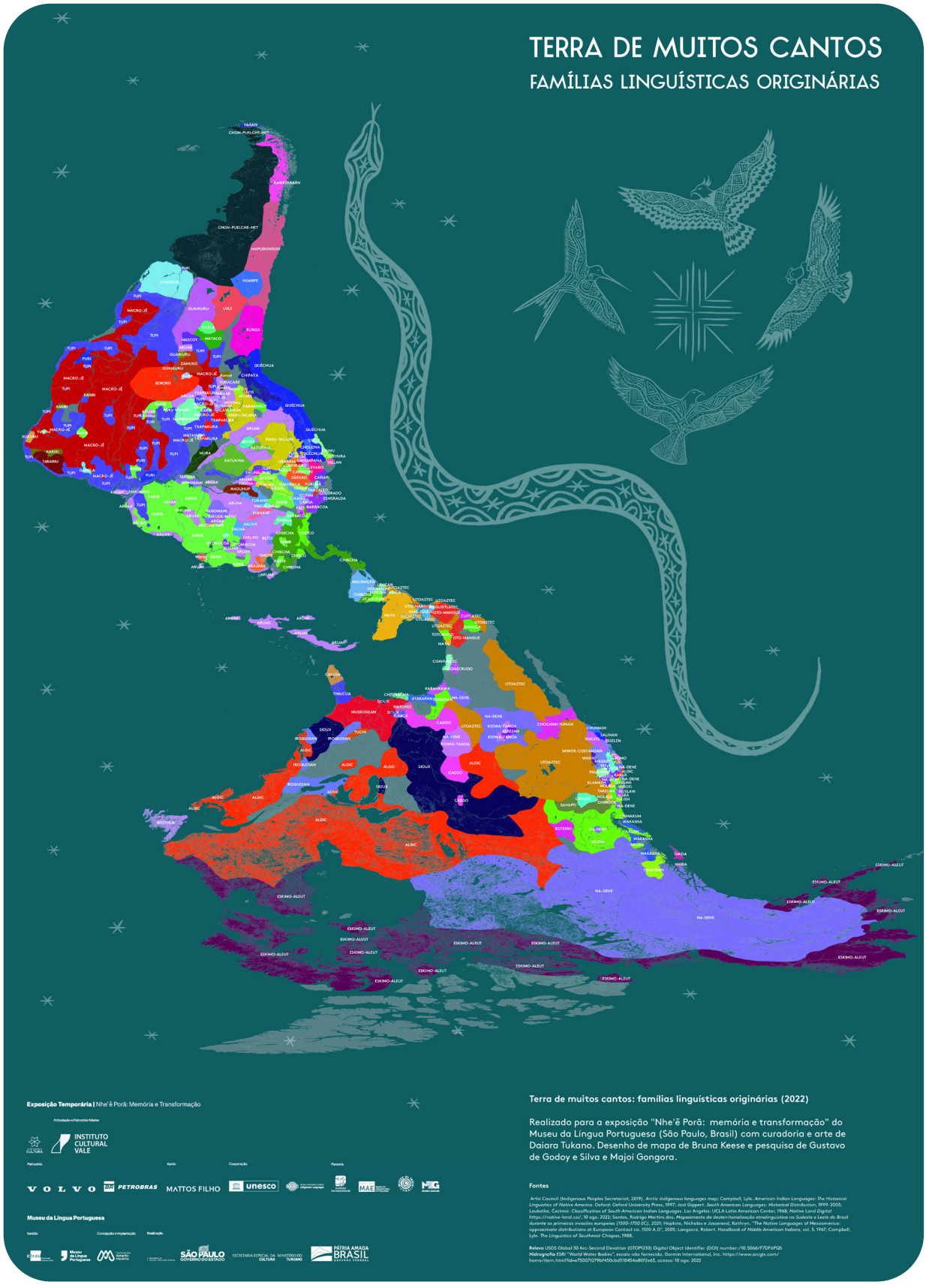
Onça pintada, pirarucu, vitória-régia e guaraná são apenas quatro dentre as milhares de espécies que habitam o bioma Amazônia, que também conta com outro tipo de diversidade: a linguística. Nos estados do Acre, Amapá, Amazonas, Pará e Roraima, e em parte do território do Maranhão, Mato Grosso, Rondônia e Tocantins, também são faladas dezenas de línguas além do português, pertencentes a famílias de línguas indígenas, línguas quilombolas e línguas crioulas.

O estado do Acre tem grande população de ribeirinhos e povos originários. Em 2023, havia na região 16 povos indígenas organizados em aproximadamente 270 aldeias.[19] Esses povos têm cultura e língua próprias. Em todo o estado são faladas oito línguas indígenas, pertencentes a três famílias linguísticas: Pano, Aruak e Arawá [20]. Essas famílias, por sua vez, possuem línguas que, apesar de apresentarem similaridades, são distintas.

Para saber mais

Famílias linguísticas são agrupamentos de línguas que possuem uma língua ancestral comum.

Mas Pano, Aruak e Arawá não são as únicas famílias linguísticas documentadas. No Brasil, há outras famílias, espalhadas pelos 6 biomas presentes em todo o território nacional:



Mapa das famílias linguísticas faladas no Brasil [20]

Para refletir:

É comum que se pense que no Brasil só se fala português. Por que você acha que isso acontece? quais as possíveis consequências desse fato?

Para saber mais:

A primeira gramática produzida no Brasil foi a “Arte de gramática da língua mais falada no Brasil”, sobre o Tupi, produzida pelo padre jesuíta José de Anchieta. Esse trabalho, ao mesmo tempo em que documentou a língua falada pelos povos originários, colaborou com a catequização e dominação dos indígenas, pois foi por meio dela que os padres portugueses puderam aprender sistematicamente como se comunicar com os povos que pretendiam dominar. Ela está disponível na íntegra, no site da Biblioteca digital Luso-Brasileira.

ARTE 1

DE GRAMMATICA DA LINGVA MAIS VSADA NA COSTA DO BRASIL.

Feita pelo P. Ioseph de Anchieta Theologo & Provincial que foy da Companhia de IESV, nas partes do Brasil.

Das letras. Cap. I.

ESTA lingoa do Brasil não ha f. l. s. z. rr. dobrado nem muta com liquida, vt cra, pra, &c.

Arte de gramática da língua mais falada no Brasil [21]

Além de línguas de famílias indígenas, na Amazônia há também línguas de origem quilombola. Encontramos no Amapá: em 2023, 73% do território amapaense abrigava o maior percentual de áreas do bioma protegidas, incluindo unidades de conservação, terras indígenas e territórios quilombolas. Um destes territórios é Mazagão Velho, cuja formação sócio-histórica é marcada pelo povoamento de negros escravizados e remanescentes quilombolas, sendo símbolo de cultura, devoção e tradição, e onde se fala português, mas com fortes marcas no português que é falado nesta comunidade.[22]

A diversidade linguística da Amazônia não existe apenas no seu interior. As margens também congregam línguas de regiões não-brasileiras, mas que estão em contato com o português, com as línguas de famílias indígenas e quilombolas faladas no Brasil. O Amapá faz fronteira com a Guiana Francesa e com o Suriname. Por isso, há localidades no estado em que se fala francês, francês, crioulo francês e patoá.

Para saber mais:

Quando falamos de línguas, existem alguns termos importantes que precisamos entender: **Língua materna** é a primeira língua que aprendemos, geralmente em casa com nossa família. Mas às vezes, podemos aprender outras línguas em diferentes situações, como na escola. **Línguas veiculares** são línguas usadas para comunicação entre pessoas que falam línguas diferentes. Existem vários tipos de línguas veiculares:

a:Koiné é uma língua veicular formada a partir de línguas parecidas, da mesma família. Por exemplo, no Brasil, tivemos as "línguas gerais" baseadas em línguas indígenas, como o Nheengatu, no bioma Amazônia, e a Língua geral de São Paulo. Também existiram línguas gerais baseadas em línguas africanas, como o Quimbundo.

b) Pidgin é uma língua que emerge na situação comunicação rápida entre pessoas que falam línguas muito diferentes. Geralmente não é a língua materna de ninguém.

c) Uma língua crioula começa como um pidgin, mas se torna a língua materna de uma comunidade.

Essas diferentes formas de línguas mostram como as pessoas se adaptam para se comunicar em situações de contato entre culturas diferentes. No Brasil, tivemos vários exemplos disso, com as línguas gerais indígenas e africanas se desenvolvendo ao longo da nossa história.

Entender esses conceitos nos ajuda a perceber a riqueza e complexidade da diversidade linguística no nosso país e no mundo.

A diversidade linguística do bioma Amazônia também está presente no estado do Amazonas: lá, há 16 línguas co-oficializadas no estado: Apurinã, Baniwa, Dessana, Kanamari, Marubo, Matis, Matses, Mawe, Mura, Nheengatu, Tariana, Tikuna, Tukano, Waiwai, Waimiri e Yanomami.[23]

Para saber mais:

Uma robusta documentação das línguas indígenas é uma tarefa árdua e importante, que requer investimento, infraestrutura e a ação de pessoas que saibam como fazê-lo, a fim de preservar a língua e a cultura dos seus falantes. Organizado por Helder Perri Ferreira, o dicionário de verbos Português-Yanomama, disponível gratuitamente, cumpre esse papel. O livro, que pode ser baixado na íntegra, além de verbetes traduzidos para o português, apresenta também textos escritos em Yanomami, também traduzidos para o português. Essa é uma ótima opção para aprender mais sobre essa língua.

Ouça falantes de Nheengatu em São Gabriel da Cachoeira no Amazonas

	Napë thää (Português)	Yanomama thää (Yanomama)
A	*arame*	aramaxiki
	associação	pairiprayotima thë
	associação	yanomama noamatima thë
	associação	yanomama komi kõkãpramatima thë
	atlas	urihipë utupë kuo wei siki
	atlas	urihipë utupë komi kuo wei siki
	aula	hiramayotima thë
	avião	apiama a
	avião	watupa a
B	*bacia*	pasiya a
	bala	para a
	banco (assento)	tëkeotima tihi
	banco (monetário)	mareãsiki titipraatima yano
	banco (monetário)	mareãsiki titipotima yano
	banheiro	xi keepraatima thë
	banheiro	mau uka
	barco de alumínio	mareã xi kanã
	barragem; hidrelétrica	mau u hãmapotima
	barragem; hidrelétrica	mau u kahe hëhũmatima
	barragem; hidrelétrica	mau u kahe rãmipotima thë
	bateia	oru yãkatima thë
	bateia	oru raekatima thë
	bateia	oru thatima thë
	bateria	yopi titipotima thëki

Dicionário Yanomami [24]

Povo Yanomami [25]

Tão extenso quanto o Amazonas, o estado do Pará também abrange grande diversidade linguística: no estado são faladas 18 línguas do tronco Tupi, quatro línguas Macro-Jê, nove línguas da família Karib, uma língua da família Karajá, uma língua da família Aruak e uma língua Warao, além das línguas de treze povos isolados.

Para saber mais:
Mapa interativo das línguas faladas no Pará.

Para refletir:

Por que é importante reconhecer as línguas faladas pelos grupos que habitam o bioma Amazônia? Porque somente desse modo seus falantes poderão ter acesso a serviços públicos em sua língua. Essa garantia é fundamental para que todas as pessoas nascidas em território brasileiro tenham suas necessidades básicas atendidas. Só assim o Brasil poderá ser, de fato, um país inclusivo.

A importância do reconhecimento das línguas faladas pelos grupos que habitam o bioma Amazônia também motivou o estado de Roraima a reconhecer como oficiais 12 línguas: Hixkaryána (Hixkariána); Ingarikó; Máku; Makuxí; Ninám; Pa tamóna (Kapóng); Sanumá; Taulipáng; Waiwái; Wapixána; Yanomámi; e Yekuána. Todas são consideradas patrimônio imaterial do estado e, por isso, devem ser conservadas.

Para saber mais:

De acordo com o IPHAN, os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares.

Ouça o Sanöma, uma língua Yanomámi falada pelo povo da comunidade Kolulu no estado de Roraima.

O Tocantins também tem expressiva presença de línguas indígenas: lá, há predominância de línguas do tronco Macro-Jê, com quatro línguas: Yny, falada pelos povos Karajá, Javaé e Xambioá, Apinajé, Krahô e Akwẽ, falada pelo povo Xerente. A língua Avá-Canoeiro pertence à família tupi-guarani, mas com forte influência dos dialetos falados no médio Araguaia e no alto Rio Tocantins. Entre seus falantes, a preservação é um tópico que tem recebido significativa importância, e tem gerado ações para o ensino da Avá-Canoeiro para as novas gerações. [19]

Membro do povo Krahô[26]

Não é somente de modo direto que as línguas indígenas se fazem presente no Brasil. O português, apesar de ser uma língua distinta, é também influenciado por línguas indígenas. O contato entre falantes e, consequentemente, o contato linguístico tem suas consequências. No português falado no Maranhão, por exemplo, uma dessas consequências é a presença, no português do estado, de palavras como bacanga, turu.

Para saber mais:
Ouça uma falante do grupo Avá-Canoeiro

Bacanga é uma palavra derivada de Ibacanga, que significa “braço” (iba), e “cabeça”, para fazer referência ao Rio Bacanga, que tem a função tanto de braço quanto de cabeça, desaguando na Baía de São Marcos. Já Turu é uma palavra de origem Tupi, que se refere a um molusco de mangue.[27]

A influência das línguas indígenas no português falado no Maranhão, e em outros estados brasileiros, é muito maior. Todavia, mapear essa influência, e mapear as línguas propriamente ditas, é um desafio.

Embora expressivamente presentes, as línguas de famílias indígenas têm lutado para sobreviver, devido à pressão do português como língua oficial e hegemônica, da ausência de documentação e do ensino dessas línguas a novos falantes. É bastante provável que uma criança que vá à escola nesse bioma aprenda português. Aprender o português tem suas vantagens, porém elas vêm junto com o esquecimento de línguas nativas.

Não só a diversidade das línguas, mas também a diversidade da flora e da fauna do bioma Amazônia está sob ameaça.

O mapa do TerraBrasilis, portal de disseminação de dados geográficos do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), nos permite observar a progressão do desmatamento na Amazônia e nos demais biomas brasileiros:

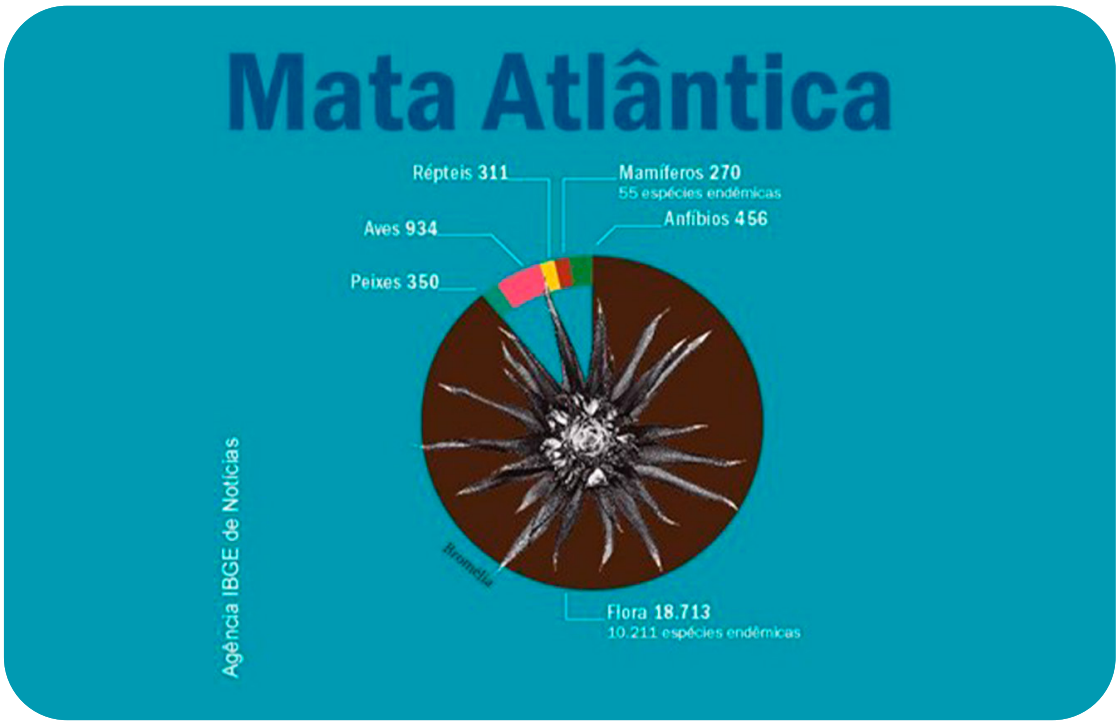
Progressão do desmatamento no Brasil[28]

A destruição do bioma Amazônia não é isolada. Junto com a flora e a fauna, morrem também as línguas faladas pelos povos que habitam essa região. O mesmo processo tem acontecido na Mata Atlântica, Caatinga, no Cerrado, Pantanal, e no Pampa.

Mata Atlântica

A Mata Atlântica, que já cobriu grande parte do litoral brasileiro, hoje ocupa cerca de 13% do território nacional, devido à expansão agrícola e à urbanização.

Localizada em uma região habitada por mais de 50% da população do país, a Mata Atlântica está distribuída por 17 estados brasileiros: Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe.



Caracterização do bioma Mata Atlântica[29]

A Mata Atlântica é o bioma mais ameaçado do Brasil. Mesmo assim, ainda abriga uma das maiores biodiversidades do mundo, com muitas espécies em risco de extinção. O clima tropical úmido e a vegetação exuberante fazem da preservação desse bioma crucial para a manutenção de espécies e a regulação dos recursos hídricos.

Uma das faces da biodiversidade da Mata Atlântica está em Sergipe: o Guigó-de-coimbra-filho *(Callicebus coimbrai)*. Ameaçado de extinção, a existência desse primata está documentada somente no menor estado do Brasil:

Guigó-de-coimbra-filho[30]

Ainda na Mata Atlântica, no Sudeste do Brasil, há outra raridade: o Beija-flor-de-topete-verde *(Stephanoxis lalandi)*, cuja existência também é ameaçada pela destruição da Mata Atlântica:

Beija-flor-de-topete-verde[31]

Em se tratando da flora da Mata Atlântica, dois exemplos da rica constituição desse bioma são a Bromélia *(Vriesea ensiformis)*, planta endêmica, ou seja, nativa do Brasil, e de hábito epífito: ela vive sobre outras plantas, e o Cambuci *(Campomanesia phaea)*, planta da mesma família da Goiaba e que já esteve ameaçado de extinção devido ao uso econômico de sua madeira.

Bromélia[32]

Cambuci[33]

Assim como no bioma Amazônia, na Mata Atlântica, além da riqueza da flora e da fauna, há também uma realidade de contato e coexistência de diferentes línguas. O português não é a única língua falada nos estados do Nordeste, Sul e Sudeste pelos quais a Mata Atlântica se estende.

Em 2021, o Ceará reconheceu a língua Tupi-Nheengatu, falada pelos povos Potiguara, Tabjara, Gavião e Tubiba Tapuia, como co-oficiais.[34] Essa não é uma ação sem importância: o reconhecimento da Tupi-Nheengatu pelo estado possibilita que, além do português, ela também seja ensinada nas escolas, o que contribui para a preservação da cultura dos seus falantes e para a sua inclusão em diversas esferas da sociedade.

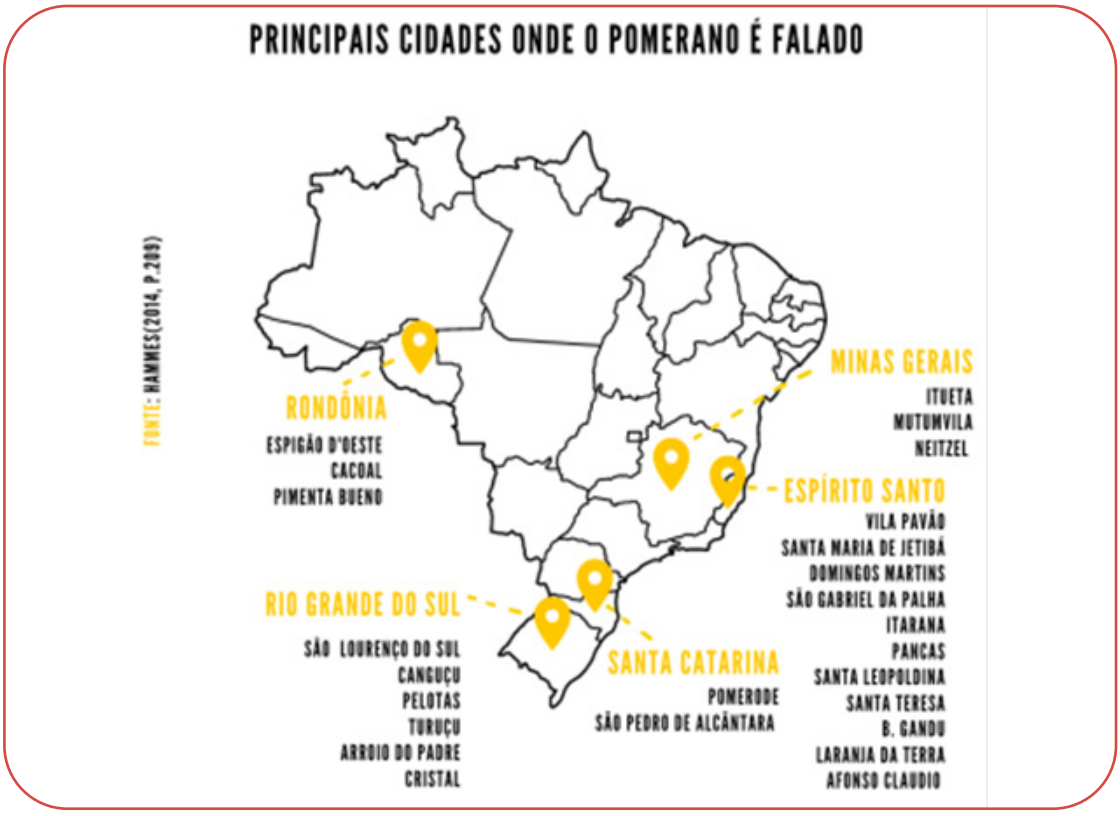
Para refletir:

Por que é importante preservar a língua e a cultura dos povos originários?

A influência das línguas indígenas, de modo direto e indireto, se estende por outros estados nos quais a Mata Atlântica está distribuída. Um exemplo é Sergipe, estado que, no seu litoral, conserva a existência desse bioma. Sergipe significa “no rio dos siris” e Aracaju, nome da capital do estado, significa “cajueiro dos papagaios”. Ambos os nomes têm origem Tupi[35]. Na região de Mata Atlântica, em Sergipe, não há registro de línguas indígenas nos dias de hoje. Todavia, no sertão do estado, na zona da Caatinga, os Xocós resistem e tentam preservar sua cultura através do português, única língua falada na comunidade[36].

Além da influência de línguas indígenas, no litoral brasileiro há também resquícios da influência de línguas africanas, trazidas para o Brasil durante o período imperial, no qual houve grande tráfico de pessoas escravizadas. Você conhece a palavra Acarajé? Ela é de origem Iorubá-Nagô! Acarajé vem de akará = bola de fogo e jé = comer. Portanto, essa palavra significa “comer bola de fogo”.

Do outro lado do Brasil, na região Sul, além de línguas indígenas (Guarani, Kaingang) e de origem africana (Iorubá), há também a presença de línguas de origem europeia, como a língua Pomerana, que era falada na Pomerânia, região localizada entre os atuais territórios da Alemanha e da Polônia[37]. No século XIX, por causa de guerras, fome e desemprego, inúmeros pomeranos migraram para outros países, dentre eles o Brasil. Os descendentes desses imigrantes, atualmente, estão distribuídos pelo Espírito Santo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia e Minas Gerais:



Estados nos quais o Pomerano é falado[38]

A língua pomerana falada no Brasil é distinta do alemão e do polonês. Uma característica própria das línguas naturais é sua transformação. Hoje, na Europa, essa língua é pouco falada. No Brasil, ela adquiriu características próprias, embora mantenha traços da língua antes falada no velho continente.

A língua pomerana, bem como a cultura dos imigrantes que a trouxeram para o Brasil, é celebrada através da manutenção de ações de preservação linguística, como a elaboração de dicionários.

Também as festividades retomam a cultura das pessoas que desembarcaram no Brasil no século XIX e conservam sua tradição:

Festa pomerana no Espírito Santo[39]

Por todo o território por onde a Mata Atlântica se estende, há presença de outras línguas que não o português. Mas o português falado em todas as regiões – não só da Mata Atlântica, como dos demais biomas – não é o mesmo.

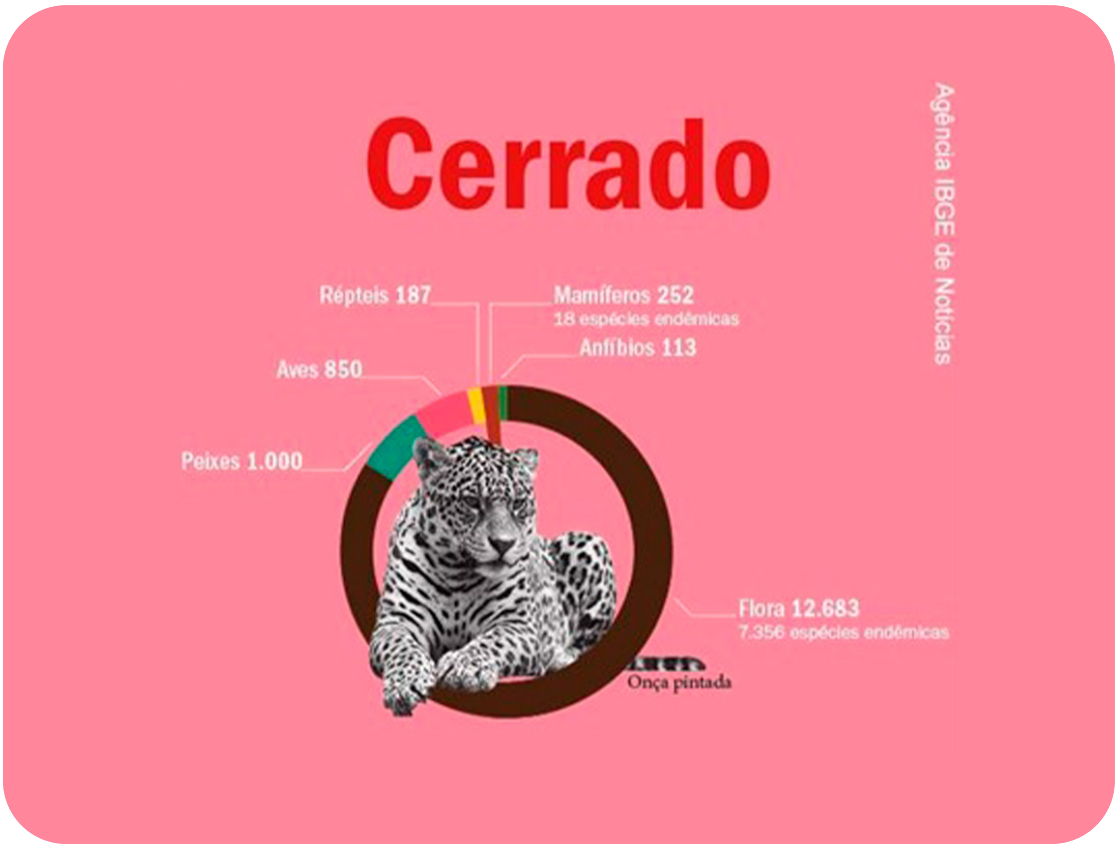
A riqueza da biodiversidade da Mata Atlântica está atrelada à riqueza linguística por onde esse bioma se espalha. Todavia, assim como acontece no bioma Amazônia, o bioma Mata Atlântica tem sido continuamente destruído.

Para saber mais:
Ouça falantes de Pomerano no Espirito Santo.

A Mata Atlântica é um dos biomas mais degradados de todo o país. E assim como a flora e a fauna, a diversidade linguística e, consequentemente, cultural, também precisa ser preservada.

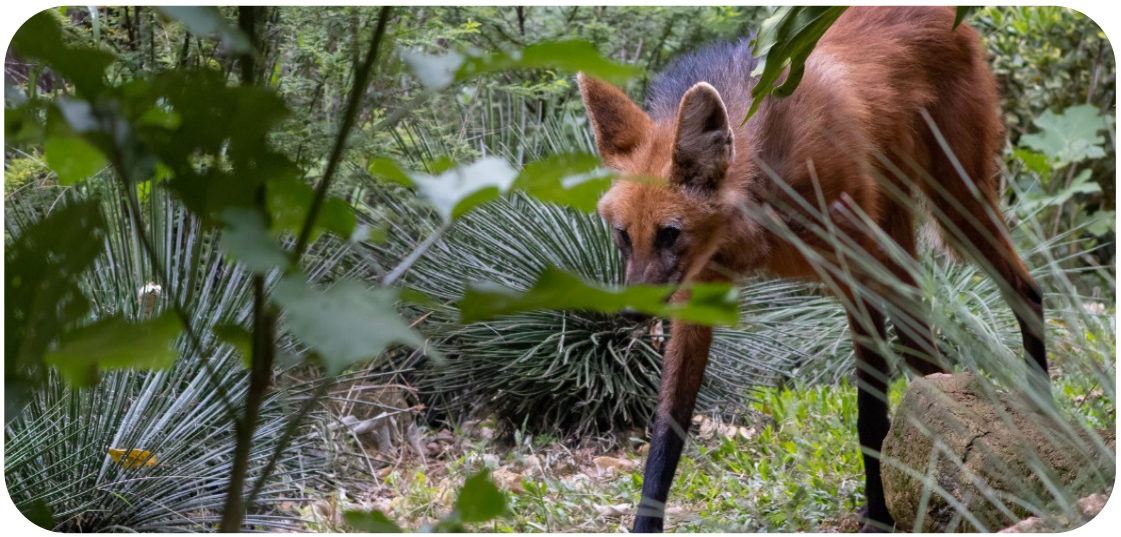
Cerrado

O Cerrado é outra região brasileira que também abrange rica fauna, flora e grande diversidade linguística. Esse bioma ocupa cerca de 24% do território do Brasil, predominando no Planalto Central, e está distribuído por nove estados, mais o Distrito Federal: Goiás, Tocantins, Mato Grosso do Sul, sul do Mato Grosso, oeste de Minas Gerais, oeste da Bahia, sul do Maranhão, oeste do Piauí e porções do estado de São Paulo.



Caracterização do bioma Cerrado[40]

Em se tratando de fauna, um dos exemplos mais famosos do Cerrado é o Lobo-Guará *(Chrysocyon brachyurus)*, que tem sofrido o efeito das queimadas na região que é seu habitat natural.



Lobo-guará[41]

As queimadas e o desmatamento do Cerrado têm afetado outra população, a do Tamanduá-bandeira *(Myrmecophaga tridactyla)*:

Tamanduá-bandeira[42]

A flora do Cerrado, que é a savana mais rica em biodiversidade do mundo, é adaptada a solos pobres e abriga nascentes de rios importantes, sendo chamado de “caixa d’água do Brasil”.

Para saber mais:

Savana é uma composição vegetal típica de regiões tropicais, sendo adaptadas a longos períodos de estiagem e solo pouco fértil, onde predominam gramíneas, arbustos e árvores distantes entre si.

Até a década de 1950, o Cerrado permaneceu quase intacto, mas, após a construção da nova capital, Brasília, e de novas rodovias, foi amplamente substituído por atividades agrícolas e pecuárias, sofrendo com o desmatamento. Dois exemplos da vegetação do Cerrado são o Ipê do Cerrado (*Handroanthus ochraceus)*, árvore nativa do Cerrado brasileiro, e a Canela-de-ema *(Vellozia compacta)*, arbusto típico do Cerrado, extremamente adaptado ao clima do bioma e suas particularidades (inclusive ao fogo).

Ipê do Cerrado[43]

Canela-de-ema[44]

Tanto o Ipê do Cerrado quanto a Canela-de-ema são espécies adaptadas para a vida em ambiente seco e solos pobres de nutrientes. Mas, apesar de abrigar vegetação adaptada a solos secos e pobres, o Cerrado abriga nove das doze bacias hidrográficas existentes no território brasileiro, falantes do português, de línguas indígenas, e línguas de refugiados venezuelanos e haitianos.

Para saber mais:

Uma bacia hidrográfica é como uma grande “caixa d’água” natural da Terra. Imagine uma área de terra cercada por montanhas ou elevações, onde toda a água da chuva, dos rios e córregos corre para um rio principal. Esse rio, por sua vez, vai desaguar em um oceano, mar, ou outro rio maior. A bacia hidrográfica é o conjunto de todo esse sistema de rios, afluentes (rios menores que desaguam nos maiores) e o solo que absorve a água. No Brasil, **temos 12 grandes bacias hidrográficas,** que são como áreas que drenam a água da chuva e a levam para os rios principais do país. As principais são:

- **Bacia Amazônica: A maior do mundo, cobrindo a região Norte do Brasil.**
- **Bacia do Tocantins-Araguaia: A maior bacia totalmente brasileira, localizada no Norte e Centro-Oeste.**
- **Bacia do São Francisco: Corta o Nordeste e parte do Sudeste do país.**
- **Bacia Platina: Composta pelas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, cobre parte do Sul e Centro-Oeste.**
- **Bacia do Parnaíba: Localizada no Nordeste.**
- **Bacia do Atlântico Nordeste Ocidental: Cobre parte do Maranhão e Piauí.**
- **Bacia do Atlântico Nordeste Oriental: Abrange boa parte do litoral nordestino.**
- **Bacia do Atlântico Leste: Compreende rios que desaguam no Atlântico na Bahia e em Sergipe.**
- **Bacia do Atlântico Sudeste: Abrange a área do litoral entre São Paulo e o Espírito Santo.**
- **Bacia do Atlântico Sul: Cobre o litoral do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.**
- **Bacia do Atlântico Nordeste Oriental: Abrange a parte litorânea do Ceará até o Rio Grande do Norte.**
- **Bacia do Atlântico Norte-Nordeste: Compreende rios que desaguam no Atlântico ao norte do Brasil.**
- **Essas bacias são super importantes porque garantem água para beber, para a agricultura, geração de energia elétrica e para manter a vida dos animais e plantas.**

Macrorregiões hidrográficas brasileiras[45]

Em Goiânia, capital do estado de Goiás, centro do Brasil, as pessoas percebem, no dia a dia, além do português, o uso de 25 línguas faladas, dentre elas: espanhol, inglês, francês, crioulo, mandarim, Libras, japonês, línguas indígenas – carajá, kayapó, guarani – iorubá, suaíli, além do italiano, árabe, turco, angolano, etc. O contato e a coexistência dessas línguas não são raros, como demonstram as fachadas de estabelecimentos na capital goiana, fazendo parte da paisagem linguística da comunidade:

Para saber mais:
Ouça o povo Guarani e Kuiowá no Mato Grosso do Sul.

Paisagens linguísticas em Goiânia[46]

Para refletir:

Na sua comunidade você também percebe o contato entre línguas? Como é a paisagem linguística da sua cidade?

Caatinga

A Caatinga ocupa cerca de 10% do território nacional, e distribui-se pelos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí, Sergipe e o norte de Minas Gerais.

Caracterização do bioma Caatinga[47]

Na Caatinga, há predominância do clima semiárido, com chuvas irregulares e longos períodos de seca. Embora rico em paisagens diversas e com fauna e flora adaptadas às condições semiáridas, como cactos e arbustos espinhosos, esse bioma sofre grande degradação.

Um dos espécimes característicos da Caatinga é o Teiú *(Salvator merianae)*, que é o maior lagarto brasileiro. Menos conhecida, mas igualmente característica, é a Mandaçaia *(Melipona quadrifasciata)*, abelha social brasileira e símbolo da Caatinga:

Teiú[48]

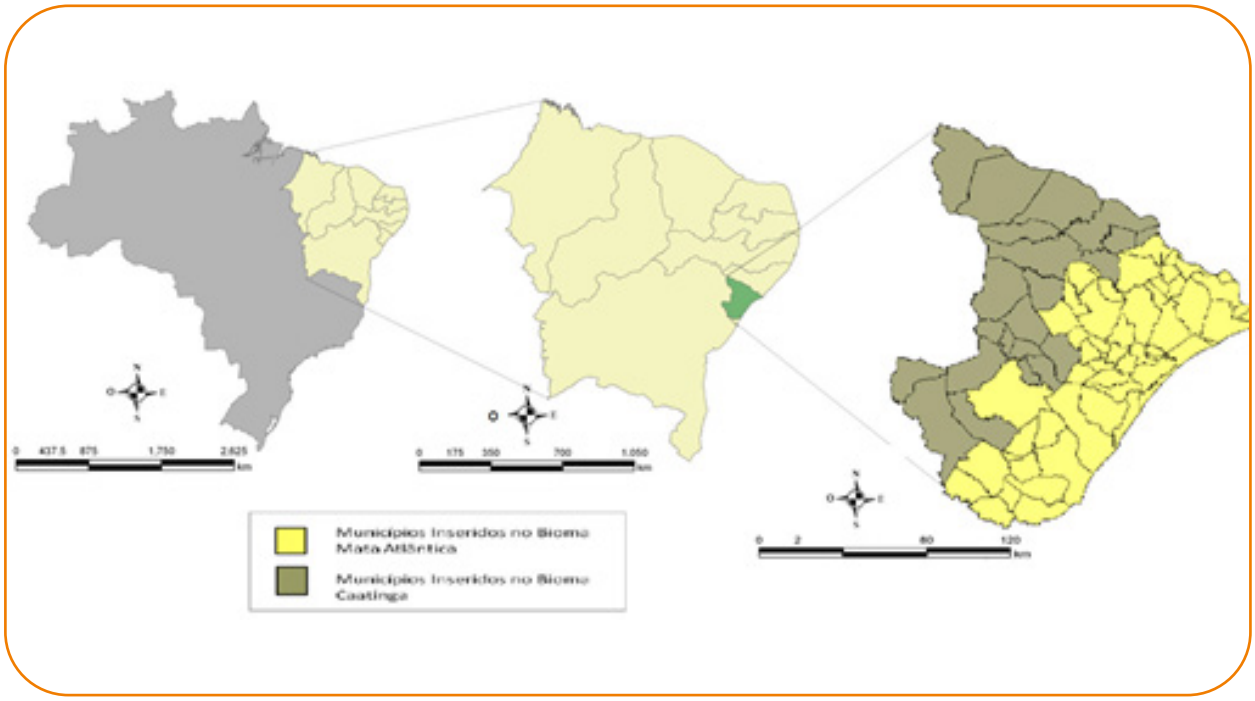
Mandaçaia[49]

Aproximadamente 36% de sua área original já foi alterada pela ação humana, através de desmatamento, queimadas e da substituição da vegetação nativa por pastagens e agricultura. Alguns dos espécimes de flora característicos da Caatinga são o Umbuzeiro *(Spondias tuberosa)*, chamada de árvore sagrada do Sertão por Euclides da Cunha, autor de Os Sertões, uma das mais importantes obras literárias brasileiras, e o Xique-xique *(Pilosocereus gounellei)*, cacto muito utilizado na alimentação animal em tempos de estiagem, é bastante resiliente e capaz de crescer até mesmo sobre rochas.

Umbuzeiro[40]

Xique-xique[41]

A Caatinga é um dos biomas do território sergipano; enquanto a Mata Atlântica está presente no litoral, a Caatinga se estende pelo oeste sergipano, e abrange os municípios de Porto da Folha, Canindé de São Francisco, Nossa Senhora da Glória, Monte Alegre de Sergipe, Poço Redondo e Gararu.



Distribuição de biomas em Sergipe[42].

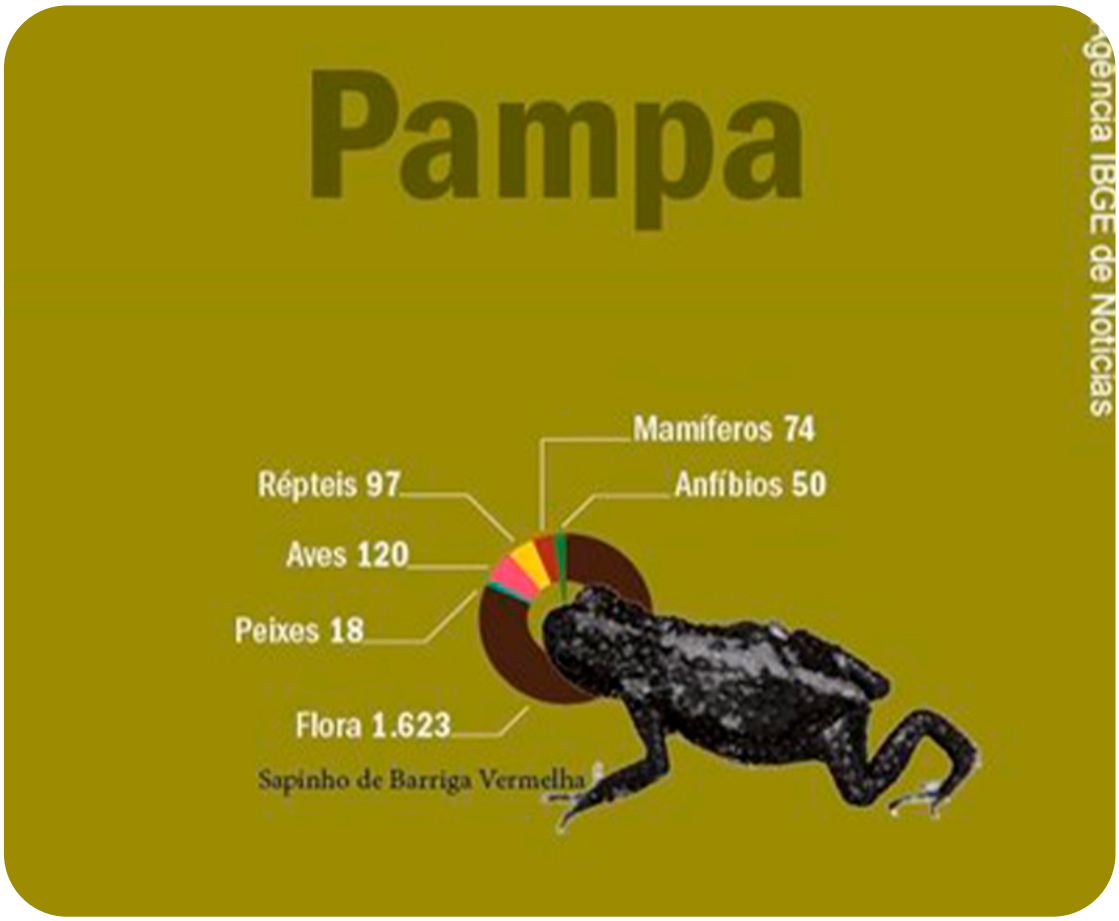
Em Sergipe fala-se, predominantemente, português. A presença indígena no estado, por consequência do assassinato dessas populações, hoje, é pequena. O único povo que resiste é o Xocó, no município de Porto da Folha.

Para saber mais:
Conheça o povo Xokós da ilha São Pedro, em Porto da Folha, Sergipe.

Xocós em Porto da Folha[43].

Pampa

O bioma Pampa, localizado no extremo sul do Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul, cobre apenas 2% do território nacional.



Caracterização do bioma Pampa[44]

Embora seja menos extenso e biodiverso que outros biomas, o Pampa abriga espécies únicas, como o Sapinho-de-barriga-vermelha *(Melanophryniscus atroluteus)*, que usa suas cores características para afugentar predadores, e o Gato-palheiro *(Leopardus colocola)*, também conhecido como Gato-dos-pampas, felino de pequeno porte ameaçado de extinção por causa da destruição do bioma em que vive.

Sapinho-de-barriga-vermelha[45]

Gato-palheiro[46]

Caracterizado por campos e planícies com vegetação predominantemente de gramíneas, este bioma se mostra ideal para a criação de gado e o cultivo agrícola, como o arroz. Dentre a vegetação não-gramínea, são características dessa região o Louro-pardo (*Cordia trichotoma)*, árvore nativa da América do Sul e que pode alcançar até trinta e cinco metros de altura, e o Trevo-rosa *(Trifolium polymorphum)*, erva de pequeno porte que possui flores aéreas, utilizada para fins de ornamentação.

Louro-pardo[47]

Trevo-rosa[48]

O clima subtropical do Pampa apresenta estações bem definidas, com invernos de temperaturas negativas e ausência de um período seco. Nesse bioma, assim como nos demais, a atividade humana, como a pecuária intensiva e a monocultura, tem uniformizado a vegetação e ameaçado o equilíbrio ecológico da região.

Além de espécies vegetais e animais, no Rio Grande do Sul, único estado do Brasil onde há presença do bioma Pampa, há também a presença de línguas únicas. Nesse estado também se fala Pomerano, falado em regiões de Mata Atlântica, como o Espírito Santo. Adicionalmente, no Rio Grande do Sul há forte presença de línguas de herança de base germânica, como westfaliano, encontrado especialmente em municípios do Vale do Taquari; e hunsriqueano, conhecido como alemão brasileiro, comum nos vales do Sinos, do Caí, do Taquari e do Rio Pardo.

Descendentes falantes de hunsriqueano no Brasil, em 1905[49]

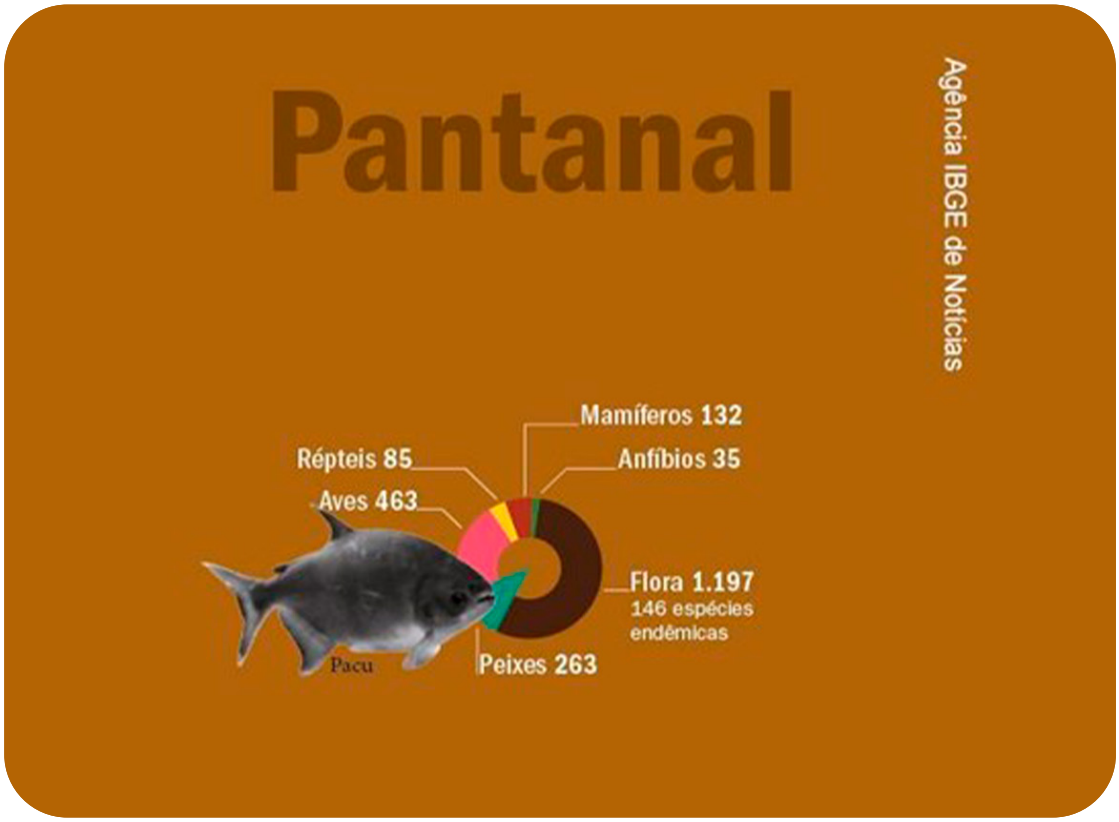
Para saber mais:

Pesquisadoras e pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul produziram um inventário do hunsriqueano. Por meio dele, é possível saber como essa língua chegou no brasil, quem a falava e fala, e de que modo ela tem sido preservada.

O Rio Grande do Sul, assim como os demais estados brasileiros, tem falantes de línguas oriundas de famílias indígenas, africanas e europeias. Além das línguas de herança germânica, no estado também há falantes de Talian, Japonês, Polonês, Guarani, Kaingang e Iorubá.[60]

Pantanal

O Pantanal, que cobre cerca de 1,8% do Brasil, é a maior planície alagável do mundo, localizada nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Conhecido por sua rica biodiversidade e por ser o bioma mais preservado, o Pantanal sofre com pressões de expansão agropecuária, queimadas e projetos de infraestrutura. Suas características são moldadas pelos períodos de cheia e seca, que afetam a vegetação e a fauna local. A criação de gado e o turismo são importantes para a economia da região, mas ao mesmo tempo uma ameaça à biodiversidade.



Caracterização do bioma Pantanal [61]

Alguns dos habitantes do Pantanal são a Sucuri-amarela *(Eunectes notaeus)*, réptil originário da América do Sul e que pode medir aproximadamente quatro metros de comprimento, e o Tuiuiú *(Jabiru mycteria)*, ave símbolo do Pantanal e a maior ave aquática voadora do Brasil.

Sucuri-amarela [62]

Tuiuiú [63]

O Pantanal é também o lar de uma das maiores palmeiras nativas do Brasil: o Buritizeiro *(Mauritia flexuosa)*, e do Ipê-roxo – ou Piúva *(Handroanthus impetiginosum)*, também conhecido como pau-d'arco. A madeira do ipê-roxo possui propriedades medicinais variadas e sua madeira é historicamente utilizada por indígenas para construção de ferramentas:

Buritizeiro [64]

Ipê-roxo [65]

A rica biodiversidade do Pantanal é evidente também entre sua população e falantes. O Mato Grosso do Sul faz fronteira com o Paraguai e com a Bolívia, países falantes do espanhol. Nas regiões fronteiriças, fala-se portunhol, uma língua de contato que é reconhecida pelo Inventário Nacional da Diversidade Linguística.

Português, Espanhol e portunhol não são as únicas línguas faladas no Mato Grosso do Sul. Estima-se que ao menos oito línguas indígenas são faladas no estado, entre pessoas dos povos Guarani-Kaiuá, Terena, Kinikinau, Kadiwéu, Guató e Ofayé [66]. Todavia, as línguas desses grupos correm risco de extinção, pois seus falantes estão morrendo e não há políticas para a preservação da variedade linguística que existe no estado.

Para saber mais:
Ouça falantes da língua Terena em Cam
po Grande/MS

Biomas e línguas:
tudo junto e misturado

Conhecemos os seis biomas presentes no Brasil, com alguns aspectos da flora e da fauna dessas regiões, habitados por grupos diversos de brasileiras e de brasileiros. Nesses biomas, coexistem o português, línguas de famílias indígenas, línguas de herança e línguas de contato que são o resultado da interação entre duas outras línguas, como o portunhol.

Sabemos que o português é a língua mais falada por brasileiras e brasileiros. Mas vimos que não é a única. Apesar da existência de mais de 200 línguas no território brasileiro, menos de 5% dessas línguas estão documentadas, e todas estão sob risco de desaparecimento por consequência da pressão do português, do não-reconhecimento pelos estados, com ações para preservá-las, e por causa da morte dos seus falantes, o que anda lado a lado com o processo de desmatamento em curso dos biomas nacionais.

Progressão do desmatamento no Brasil [67]

O Brasil é um país de grande diversidade de biomas e línguas. As línguas, assim como os biomas, são caracteristicamente diversas. Ambos necessitam de ações efetivas para sua preservação. Da mesma forma que os biomas são constantemente ameaçados pelo desmatamento e por outras ações humanas que podem destruí-los, as línguas, especialmente aquelas faladas por grupos minoritários, são ameaçadas pelo não-reconhecimento público e, consequentemente, pela falta de ações para sua preservação.

Apesar disso, o estado de calamidade em que se encontram os biomas – especialmente em setembro de 2024, período de ocorrência de grande número de incêndios – e as línguas, muitas em risco de extinção, pouco choca. O uso de “e” como elemento de inclusão linguística e social como em todes, por exemplo, choca mais que o desmatamento e o glotocídio [68].

Renato Terra

Roteirista e autor de "Diário da Dilma". Dirigiu o documentário "Uma Noite em 67".

SEGUIR

O Brasil pega fogue: gênero neutre

Como engajar a sociedade contra as mudanças climáticas?

DÊ UM CONTEÚDO

26 set 2024 às 15h43

notícias da folha no seu

Apresento aqui algumes ideies desesperades para engajar a população a respeito da urgência dos extremos climáticos.

A primeira sugestão, como se vê, é tratar o tema no gênero neutro. Poucos recursos são tão poderosos no sentido de engajar parte da população como o uso da expressão "todes". Ao batizar as queimadas como "o problema do fogue", certamente haverá comoção quanto es incêndies.

O Brasil pega fogue: o gênero neutre [69]

Por isso, reconhecer e preservar os biomas e as línguas faladas pelas brasileiras e brasileiros que os habitam é fundamental para a preservação da diversidade brasileira.

Línguas em variação

Agora vamos ver a importância da descrição e análise das línguas para que elas sejam preservadas. Esses dois processos, que estão intimamente entrelaçados, são executados por meio de metodologia científica. Assim como biólogos categorizam, descrevem e analisam espécies de fauna e flora, linguistas categorizam, descrevem e analisam línguas e seus constituintes.

Mas para início de conversa, o que é uma língua natural? como ela pode ser descrita?

Uma língua natural é uma língua que emergiu naturalmente. Ninguém inventou o português e o tupi. Essas línguas existem para atender às necessidades comunicativas dos seus falantes.

Linguistas, profissionais que estudam línguas, tendem a organizar as línguas naturais em famílias. Em algum momento, você já leu ou ouviu alguém falar em espanhol e notou que algumas palavras nessa língua são semelhantes às palavras do português? provavelmente sim. Isso acontece porque português e espanhol têm origem no latim, e descendem de uma longínqua ancestral comum, o tronco de línguas indo-europeias. As descrições feitas por linguistas sobre as línguas levam à suposição de que elas passaram por mudanças que proporcionaram a existência das línguas que compõem a família latina – descendentes do latim –, da qual o português faz parte, em um processo que se estendeu por séculos. A mudança entre línguas, ou em uma língua específica, não é um fato passado. As línguas estão em constante mudança, porque elas estão em constante uso.

Para refletir:

Você já leu algum livro antigo? viu algum filme ou novela de época? as personagens falavam do mesmo jeito que nós falamos hoje?

Ao longo dos anos, o modo como as pessoas falam muda. As mudanças surgem, na maioria das vezes, através da variação linguística. Variação é o processo pelo qual há diferentes formas de dizer a mesma coisa. Agora, pense nos biomas brasileiros, como o Cerrado, a Mata Atlântica e a Caatinga. Cada um desses biomas tem características próprias, como clima, vegetação e fauna, que mudam conforme o lugar (entre outros fatores). Assim como as paisagens e os ecossistemas se adaptam ao espaço geográfico, a língua também se adapta. Os elementos da língua podem mudar conforme ambiente, cultura, região etc., criando uma diversidade linguística, assim como existe diversidade nos biomas.

Um exemplo prático para ilustrar a variação e a mudança no português brasileiro são os pronomes pessoais de segunda pessoa do singular no português. Hoje, para nos dirigirmos à pessoa com quem falamos, usamos com mais frequência a forma “você”, mas nem sempre foi assim.

Percurso de mudança de você

No século XVI, para fazer referência à pessoa com quem se comunicava, os falantes usavam as formas “tu” e “vós”, que, tempos depois, foram acompanhadas pela forma “Vossa Mercê”. Com o passar do tempo, o crescente uso e a popularização da forma “Vossa Mercê” a levaram a sofrer mudanças, resultando na forma atual “você”, que ainda apresenta reduções, tanto na língua falada, como “ocê” e “cê”, quanto na língua escrita, como “vc” [70].

Existem mudanças linguísticas que já fazem parte da língua que falamos e nem sempre percebemos essas mudanças, pois elas são lentas e graduais. Quando de fato são implementadas, já estamos tão acostumados a elas que nem percebemos que mudou, a não ser quando as contrastamos com usos mais antigos.

Para refletir:

Você já parou para observar como seus avós ou pessoas mais velhas se comunicam? Há diferenças em relação à fala deles e a sua?

O exemplo acima representa apenas um caso, entre muitos, de mudança, já que a língua muda e varia de diferentes formas. Assim como o território brasileiro apresenta diferentes regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste) e biomas (Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica etc.), a língua apresenta diferentes níveis em sua estrutura, os quais vemos mais um pouco no que segue.

Os níveis linguísticos

A descrição das mudanças pelas quais uma língua passa ao longo dos séculos é chamada de diacrônica. Pautada principalmente em material escrito, ela permite que se trace os caminhos que trouxeram, por exemplo, o português brasileiro ao seu estado atual. Mas a análise de material escrito não é a única fonte possível para o estudo das línguas. É também possível estudar as línguas no presente.

Nós reconhecemos uma língua pelos sons. Ou melhor, pela combinação dos sons. Enquanto falantes do português brasileiro, sabemos quais sons e em que organização formam palavras que fazem parte dessa língua. Reconhecemos inclusive que os sons têm propriedade distintiva: a troca de l por t tem como consequência a transformação de uma palavra em outra: bola ~ bota.

Atenção: nem toda troca de som é consequentemente distintiva. Às vezes, a troca de um som por outro, como em planta ~ pranta, não transforma uma palavra em outra [71]. Do ponto de vista da compreensão, não há nenhuma alteração, mas apenas variação em sua realização. Quando ouvimos planta ou pranta, pensamos na mesma coisa. Podemos pensar em diferentes tipos de plantas. Ainda assim, será uma planta, um ser do reino vegetal. As consequências dessa alteração são sociais.

Para refletir:

Somos avaliadas e avaliados pelo modo como falamos. Quem faz esse tipo de avaliação? quais são as suas consequências para quem fala?

Realizações como *planta ~ pranta* não são raras. A troca do l pelo r é chamada de rotacismo. Outros exemplos são: *flamengo ~ framengo, flanela ~ franela, blusa ~ brusa.* As consoantes /l/ e /r/ são articuladas de modo muito semelhante, com a ponta da língua tocando na região atrás dos dentes de cima, ou seja, na região alveolodental. Por isso, é comum que os falantes façam essa troca, um fenômeno linguístico variável.

Como vocês, sergipanos, falam “tia” e “dia”? baianos, baianas e cariocas falam essas palavras do mesmo modo? Realizações como “txia” e “dxia” também são exemplos de um outro fenômeno linguístico variável ao nível sonoro, a palatalização, assim chamado porque quando falamos “txia” e “dxia” nossa língua toca a região atrás dos dentes superiores: o palato. Essa variação, assim como outras da língua, se distingue pela região de origem do falante. Por exemplo, é comum que falantes paulistas façam uso da forma palatalizada “txia”, mas falantes sergipanos tendem a falar a forma não-palatalizada, “tia”. A esse tipo de variação, no qual diferentes regiões apresentam comportamos distintos, chamamos de variação diatópica (do grego dia, que significa através, e topos, lugar ou região).

Outros exemplos de palatalização, que também se distinguem através de regiões, são: *oito ~ oitxo, biscoito ~ biscoitxo.* Nesses exemplos, acontece a mesma coisa que acontece em txia e dxia.

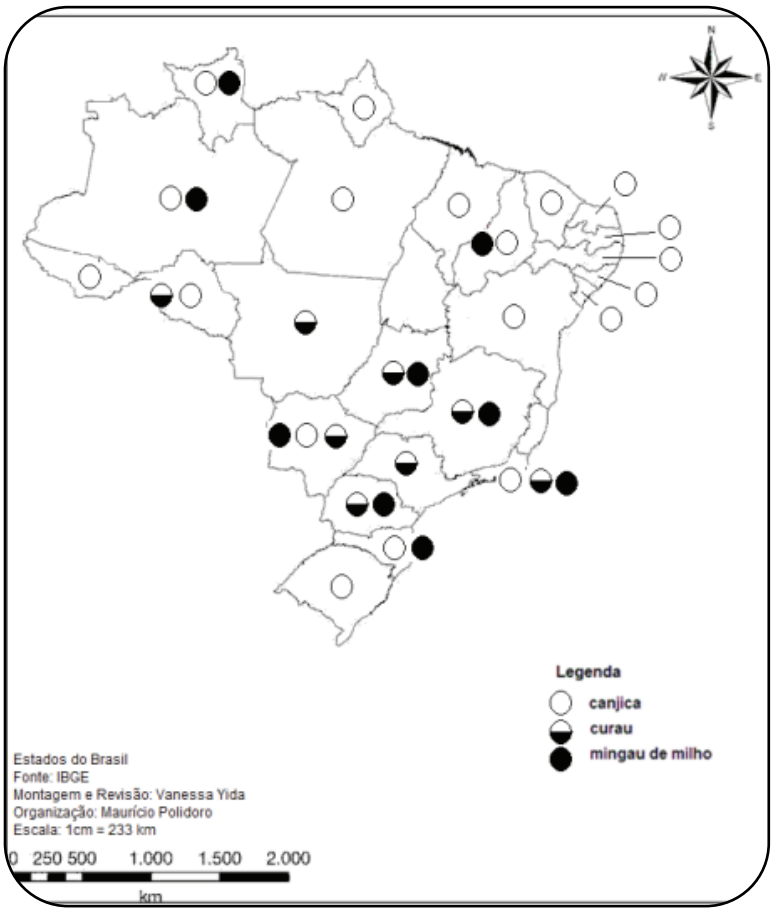
Para refletir:

Do ponto de vista social, como essas realizações são julgadas? quais associações normalmente fazemos quando ouvimos essas formas variáveis? Quem são esses falantes? onde eles ou elas estão?

A variação também ocorre no nível lexical, isto é, ao nível das palavras, o que na linguística é chamado de léxico. O que isso quer dizer? nem sempre nomeamos as coisas, os processos, sentimentos, características etc. da mesma forma. Quando há diferentes designações para elementos da realidade, há variação lexical. Observe o alimento abaixo, como você o chama?

Variação lexical – tubérculo [72].

Falantes de diferentes regiões tendem a empregar diferentes nomes a esse alimento – macaxeira, mandioca ou aipim –, mas sempre se referindo ao mesmo alimento. As diferentes nomeações constituem o que chamamos de variação lexical. Certamente, ela não é restrita apenas à mandioca/macaxeira/aipim, e os pesquisadores que se debruçam sobre a descrição da variação lexical comumente a faz considerando diferentes regiões geográficas, como é o caso da variação lexical “curau” e “canjica”:



Carta da questão 179: curau ~ canjica [73].

O mapeamento da variação entre diferentes regiões geográficas possibilita um maior entendimento da diversidade linguística existente no território brasileiro, contribuindo para uma maior compreensão do comportamento do português em diferentes espaços do Brasil. “Canjica”, por exemplo, ocorre com maior frequência nos biomas Caatinga e Mata Atlântica, enquanto “Curau” no bioma Cerrado. Por se tratar de variação por regiões do país, estamos falando de mais um caso de variação diatópica.

Para refletir:

Que outros elementos da realidade você acha que nomeamos de diferentes formas? Você consegue distinguir a região em que cada nome é utilizado? Algum desses nomes tende a ser avaliado negativamente?

As palavras da língua também podem ser estudadas em suas partes menores, os morfemas, entendidos como as menores unidades de sentido de uma palavra, compondo o que conhecemos como nível morfológico. O nível morfológico também apresenta variação cuja realização é condicionada de acordo com a região geográfica do falante.

A variação morfológica no uso dos sufixos -inho e -zinho no português é um bom exemplo de como diferentes regiões do Brasil apresentam padrões distintos no uso dessas formas, influenciados por fatores culturais e regionais. Tradicionalmente, esses dois sufixos são usados para indicar o diminutivo, uma forma de expressar algo menor, mas, popularmente, também são utilizados para dar uma ideia de afeto, suavidade ou informalidade. Assim, falantes podem variar em casos como “painho” e “paizinho”, ou “mainha” e “mãezinha”, alternando o sufixo de diminutivo de acordo com o padrão de uso de sua região geográfica.

Para refletir:

Qual forma você tende a empregar para se referir aos seus pais? É a mesma forma que teus colegas usam? Você já percebeu diferenças nos nomes utilizados para se referir aos pais?

Mas só ao nível da palavra?

Até então, debruçamo-nos sobre a variação ao nível da palavra, considerando seus sons, a nomeação e as unidades menores das palavras. A variação e a mudança, contudo, vão muito mais além disso. Por exemplo, ocorrem também no nível sintático, ou seja, em como as palavras se organizam em frases e orações.

Um exemplo bem interessante dessa variação é o uso do “que” em construções interrogativas. Em algumas partes do Brasil, especialmente no Nordeste, é comum ouvir perguntas formuladas com “que”, como “que você vai fazer amanhã?”. Essa construção pode soar bem natural e informal para quem vive por aqui, enquanto em outras regiões, como no Sudeste e no Sul, as pessoas tendem a usar a forma “o que”, resultando em perguntas como “o que você vai fazer amanhã?”.

Há uma diferença em relação a organização dos elementos na frase, por isso a chamamos de variação sintática. E essa diferença não é apenas uma questão de preferência, mas reflete o modo de falar de cada lugar, tal qual as vegetações dos biomas refletem as características deles [74].

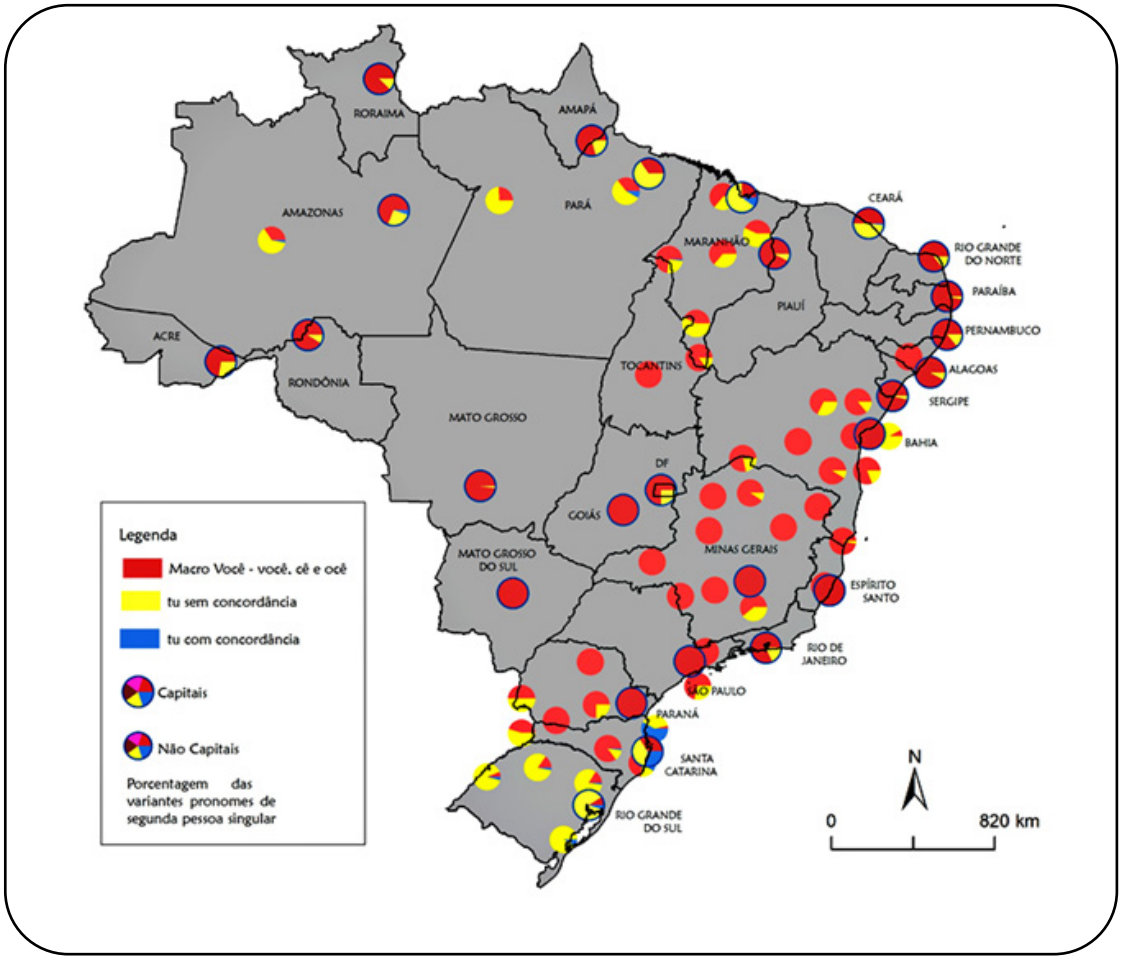
Às vezes o estudo da variação pode tomar um rumo um pouco mais complexo, abordando a interação entre dois níveis linguísticos, como a morfossintaxe, interface entre os níveis morfológico e sintático. É o caso dos já mencionados pronomes pessoais de segunda pessoa.

Uso de tu

Qual pronome de segunda pessoa você usa para se referir a alguém? “tu” ou “você”? por quê? É normal que, em Sergipe, as pessoas prefiram usar “você”. Mas há situações mais íntimas e em algumas regiões do Estado que se usa “tu”.

Tu viu ou tu viste?

Na gramática, a conjugação do verbo “ver” na segunda pessoa do singular no pretérito perfeito é “viste”. Mas, no dia a dia, “tu viu” é comum no português falado nos biomas Mata Atlântica, Pampa e Cerrado.



Distribuição de tu e você, com padrões de concordância [75]

Fonologia, léxico, sintaxe e morfossintaxe são diferentes níveis linguísticos. Eles não são os únicos. Há também o nível semântico, ou seja, do sentido das palavras e do sentido das sentenças que são ou não possíveis: “eu comi um pão” é algo perfeitamente possível. Contudo, a “pedra comeu um pão”, não. “A pedra”, que é um objeto inanimado, não pode comer nada. Isso não faz sentido.

E por falar em sentido, além do que é ou não possível, é nesse nível no qual fazemos brincadeiras:

Polissemia [76]

A palavra “sonho” pode ser duas coisas: o fenômeno mental (sonhar com uma viagem, por exemplo) ou o item de padaria, conceitos que podem ser mobilizados pela mesma palavra. Tal possibilidade torna “sonho” uma palavra polissêmica, isto é, com vários sentidos.

Para finalizar a apresentação dos níveis linguísticos, há o nível pragmático, ou seja, o nível do contexto, das situações reais de comunicação. Em um contexto x, “rede social” pode ser o Instagram ou TikTok. Em um contexto y, “rede social” pode ser outra coisa:

Rede social [77]

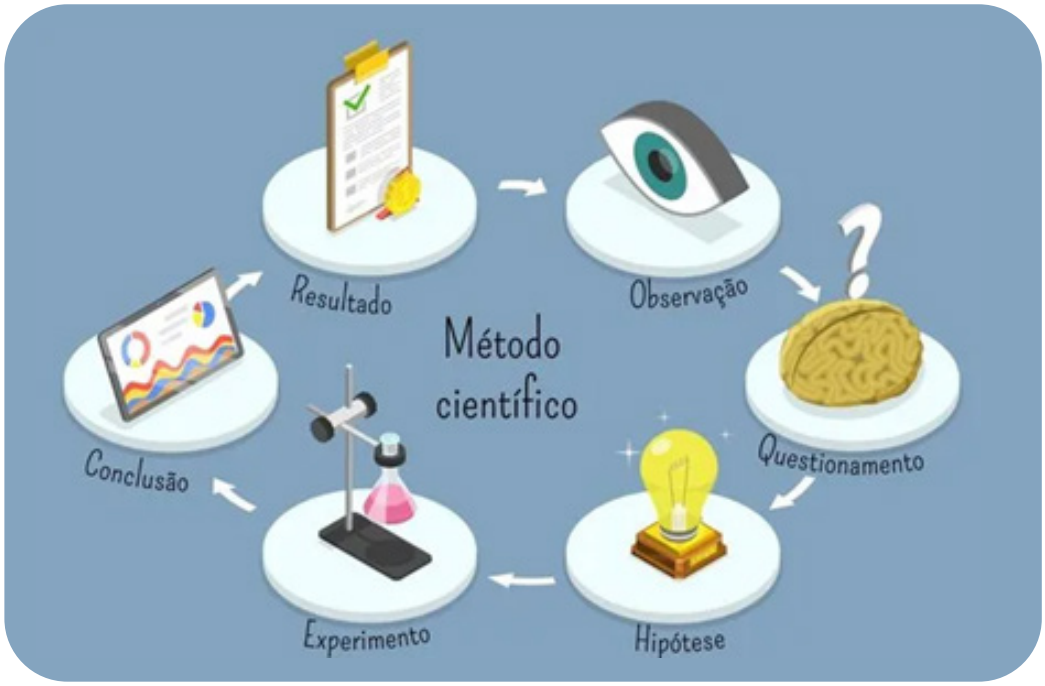
No nível pragmático, ou seja, em cada contexto de interação, a língua é influenciada pelos conhecimentos dos falantes, por suas crenças…em uma situação face a face, há inclusive influência do tom da voz - investigado pela prosódia, subárea da linguística que investiga as propriedades físicas dos sons - e dos movimentos corporais (expressões faciais, movimentos das mãos, postura do corpo) no modo como os sentidos são produzidos e compreendidos.

É possível estudar uma língua apenas no nível fonológico, sintático, morfossintático, semântico ou pragmático, assim como é possível estudar individualmente um único bioma ou um elemento dele, como uma espécie da flora ou da fauna. Mas isso não significa que os biomas ou os níveis linguísticos são independentes.

O estudo dos biomas e das línguas não é feito aleatoriamente. Para estudar a Amazônia, Mata Atlântica, Caatinga, Cerrado, Pantanal, Pampa, e todas as línguas faladas pelas brasileiras e pelos brasileiros que habitam essas regiões, precisamos do método científico.

Método científico: descrição linguística

O método científico é uma maneira organizada de investigarmos algo. Ele é aplicado em diferentes áreas do conhecimento. Apesar das particularidades de uma investigação nas ciências humanas e nas ciências exatas para que os resultados da investigação sejam confiáveis, os cientistas seguem os seguintes passos:



Método científico

Na Linguística, área do conhecimento na qual se estuda as línguas e seu funcionamento em todos os seus níveis, o método científico é utilizado para entender como as pessoas aprendem as línguas, como elas mudam com o tempo, como os falantes usam a língua em situações específicas, e como a cultura influencia a linguagem.

Exemplo prático sobre o estudo da variação morfossintática:

1. Observação: Uma linguista observa que falantes do bioma Mata Atlântica usam mais o pronome "você" do que o "tu", em comparação com falantes do bioma Pampa. Essa linguista também percebe que o padrão de concordância não é aquele que aprendemos nas aulas de língua portuguesa.

2. Pergunta: Falantes do bioma Mata Atlântica usam mais "você" do que "tu?" na fala, o padrão de concordância é o mesmo que aprendemos na escola?

3. Hipótese: O uso de "tu" ou de "você" está relacionado à região do falante.

4. Experimento: A linguista coleta amostras de dados de fala, quantifica a ocorrência dos pronomes e testa, com cálculos matemáticos, a relação entre o uso de "tu" e você e outras possíveis influências: idade, localidade, faixa-etária, contato com falantes de outras regiões, tipo de relação (proximidade, não proximidade) entre os falantes, tipo de sentença em que os pronomes são usados, etc.

5. Análise: Compara os dados encontrados nos dois biomas.

6. Conclusão: Descobre se, de fato, falantes no bioma Mata Atlântica usam mais "você" ao invés de "tu", se o padrão de concordância difere do que é prescrito, se há relação com o tipo de sentença, com o tipo de relação entre os falantes.

7. Compartilhar: Publica os resultados em revistas científicas e apresenta em conferências, permitindo que outros linguistas validem e expandam a pesquisa.

A depender da observação e da pergunta que a linguista faz, o tipo de experimento pode mudar. Ainda assim, qualquer experimento científico, na linguística e em todas as áreas do conhecimento, segue esses passos. Desse modo, é possível chegar a descobertas confiáveis e precisas. O conhecimento sobre línguas, assim como o conhecimento sobre biomas, é conhecimento científico!

Os filhos das águas dos Solimões

Os filhos das águas dos Solimões
A água é a mãe que sustenta
A vida que nasce como flor
Alimenta a planta e o ser vivente
É estrada onde anda o pescador.

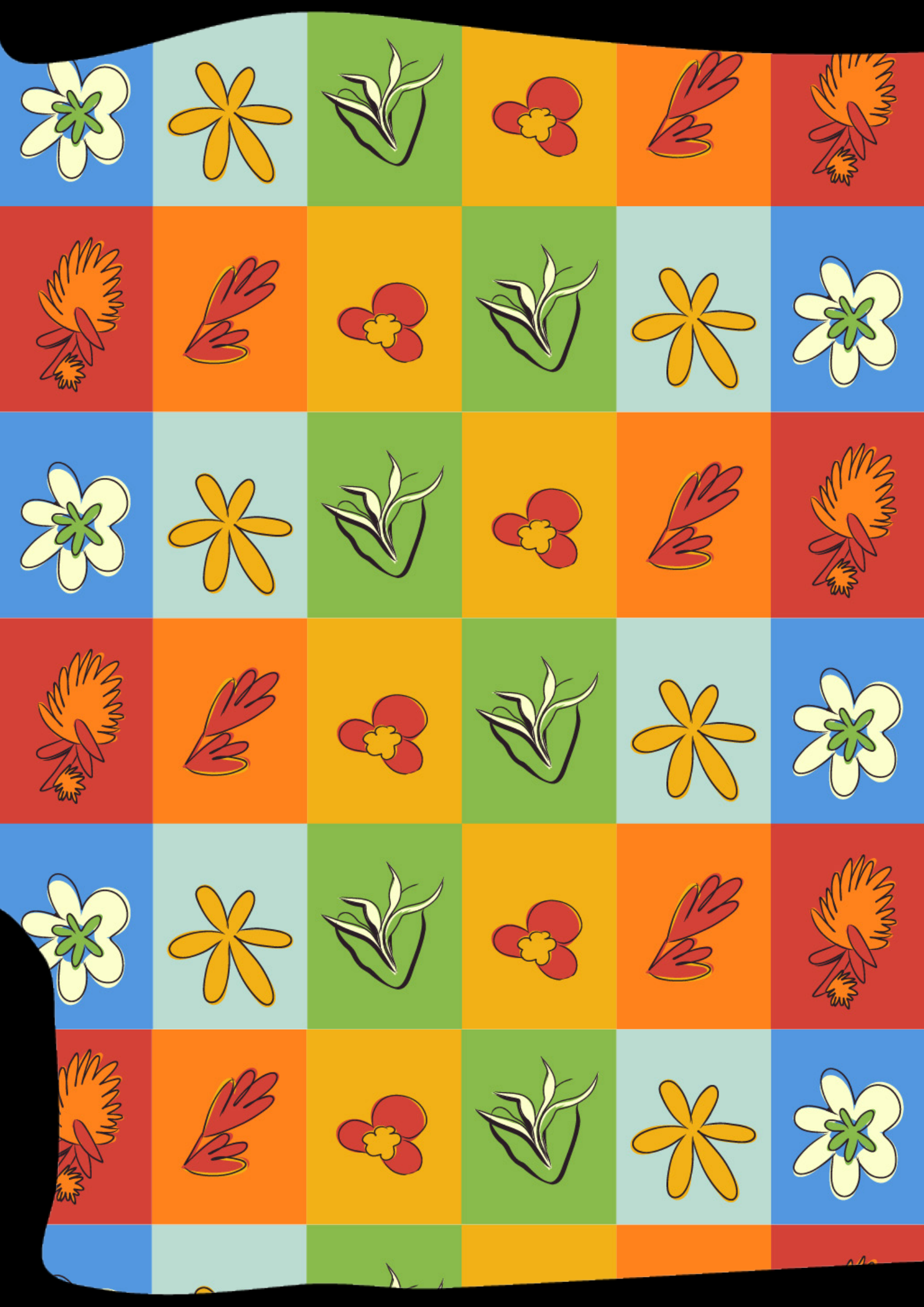
Na enchente, vem veloz e furiosa
Derrubando ribanceiras e plantações
Afeta a vida do indígena e ribeirinho
É um ciclo, que se renova a cada estação.

Na vazante o rio quase some
E a praia começa a surgir
A água, agora bem calminha
Não tem forças para a roça destruir.

Nas margens de um rio em formação
Vive um povo que a água fez nascer
Em um parto de dor e emoção
Na várzea o Kambeba escolheu viver.

Mas em um contato fatal
Com um povo mais socializado
Fez dos herdeiros das águas
Um povo desaldeado.

Tomando seu solo sagrado
Sem dor, piedade ou compaixão
Os Kambebas foram escravizados
Apresentados a “civilização”
Exploraram a sua força
Forjando uma falsa proteção. [78]



Referências

[1] BENJOR, Jorge. País Tropical. Intérpretes: Gal Costa, Caetano Veloso e Gilberto Gil. In: G. Costa. CDB. Philips, 1969. LP estéreo.

[2] DIAS, Gonçalves. Canção do Exílio. In: Poesia completa e prosa escolhida. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959. p. 103.

[3] CAMINHA, Pero Vaz de. A carta. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000292.pdf. Acesso em: 5 out. 2024.

[4] CARDIM, Fernão. Tratados da terra e gente do Brasil. Introdução e notas de Batista Caetano. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000053.pdf. Acesso em: 5 out. 2024.

[5] ALMEIDA, Onésimo Teotónio. De “Ilha da Vera Cruz” a “Brasil” – revisitação à origem do nome. Antíteses, v. 15, n. Especial, p. 321-340, 2022.

[6] FUNAI. Projeto de Documentação de Línguas Indígenas. Disponível em: http://prodoclin.museudoindio.gov.br/index.php/conheca-as-linguas-indigenas-no-brasil. Acesso em: 27 set. 2024.

[7] FRISCH, Albert. Habitação de indígenas do povo Ticuna. 1867 [circa]. Disponível em: https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/handle/20.500.12156.1/4374. Acesso em: 27 set. 2024.

[8] NEXO JORNAL. Brasil foi responsável por 40% do desmatamento mundial em 2021. Nexo Jornal, São Paulo, 28 abr. 2022. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/extra/2022/04/28/brasil-foi-responsavel-por-40-do-desmatamento-mundial-em-2021. Acesso em: 27 set. 2024.

[9] G1. Amazonas registra 216 mil queimadas em 2024 e tem o pior índice em 26 anos, aponta INPE. G1, São Paulo, 24 set. 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2024/09/24/amazonas-registra-216-mil-queimadas-em-2024-e-tem-o-pior-indice-em-26-anos-aponta-inpe.ghtml. Acesso em: 27 set. 2024.

[10] USP. O desaparecimento de um idioma é o começo do fim de um povo. Jornal da USP, 14 jun. 2021. Disponível em: https://jornal.usp.br/atualidades/o-desaparecimento-de-um-idioma-e-o-comeco-do-fim-de-um-povo/. Acesso em: 29 set. 2024.

[11] LEAL, Bruno. Conheça aquele que é considerado o primeiro mapa do Brasil. Café História, 23 de abril de 2023. Disponível em: https://www.cafehistoria.com.br/conheca-aquele-que-e-considerado-o-primeiro-mapa-do-brasil/. Acesso em: 29 set. 2024.

[12] IBGE. Biomas e sistema costeiro-marinho do Brasil. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/biomas/#/home/. Acesso em: 06 out. 2024.

[13] FREITAG, Raquel Meister Ko. SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. Contatos,

Mobilidades e Línguas no Brasil. In: FREITAG, Raquel Meister Ko. SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães (Orgs.). Mobilidades e Contatos Linguísticos no Brasil. São Paulo: Blucher Open Access, 2023, p. 13-26.

[14] IBGE. Biomas brasileiros: Amazônia. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html. Acesso em: 06 out. 2024.

[15] Global Biodiversity Information Facility. Onça Pintada (Panthera onca). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/1808060785/media/9aa78f7f9223d62a909ed53b09a178b5. Acesso em: 26 set. 2024.

[16] Global Biodiversity Information Facility. Pirarucu (Arapaima gigas). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4535573080/media/77899be2ffcb114517e1f6846f6f8dad. Acesso em: 26 set. 2024.

[17] Global Biodiversity Information Facility. Vitória-régia (Victoria amazônica). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4465659497/media/a8d1cc01c0b61f1a184a6abc0a33209e. Acesso em: 26 set. 2024.

[18] Global Biodiversity Information Facility. Guaraná (Paullinia cupana). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/1838350893/media/07bac5ad43b0c6c1c6f8812d2463ba07. Acesso em: 26 set. 2024.

[19] ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Dia Estadual homenageia luta dos povos indígenas e busca garantia de direitos. Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=417593. Acesso em: 06 out. 2024.

[20] CENTRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS DO ACRE (CPI-Acre). Comissão Pró-Indígenas do Acre. Disponível em: https://cpiacre.org.br/quem-somos/. Acesso em: 06 out. 2024.

[21] MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Os povos indígenas e o português do Brasil. Disponível em: https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/os-povos-indigenas-e-o-portugues-do-brasil/. Acesso em: 27 set. 2024.

[22] BRASIL. História da missão dos padres da Companhia de Jesus no Brasil. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Disponível em: https://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/14388. Acesso em: 29 set. 2024.

[23] CARDOSO, Elzeny Monteiro Baía; RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha. A concordância verbal no português mazaganense: uma abordagem sociolinguística. TEXTURA – Revista de Educação e Letras, v. 26, n. 67, 2024.

[24] NAVARRO, G. et al. Dicionário de verbos português-yanomama: Napepeni thaa-

tarapehe, nahathaaxo napepeni. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011. Disponível em: https://acervo.socioambiental.org/acervo/publicacoes-isa/dicionario-de-verbos-portugues-yanomama-napepeni-thaatarapehe-naha-thaaxo. Acesso em: 5 out. 2024.

[25] G1. Amazonas passa a ter 16 línguas indígenas oficiais; saiba quais são. Disponível em: https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2023/07/21/amazonas-passa-a-ter-16-linguas-indigenas-oficiais-saiba-quais-sao.ghtml. Acesso em: 06 out. 2024.

[26] TOCANTINS. Governo do Tocantins valoriza e busca preservar as diversas línguas faladas no Brasil. Disponível em: https://www.to.gov.br/noticias/governo-do-tocantins-valoriza-e-busca-preservar-as-diversas-linguas-faladas-no-brasil/60m5ha07ips0. Acesso em: 06 out. 2024.

[27] CURVELO-MATOS, Heloísa Reis. Análise toponímica de 81 nomes de bairros de São Luís/MA. 2014. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

[28] INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). Plataforma Terrabrasilis: deforestation. Disponível em: https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/app/map/deforestation?hl=en. Acesso em: 26 set. 2024.

[29] IBGE. Biomas brasileiros. Mata Atlântica. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html. Acesso em: 06 out. 2024.

[30] Global Biodiversity Information Facility. Guigó-de-coimbra-filho (Callicebus coimbrai). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4902028273/media/5fff89559a1d4ae337b1371564dd35d4. Acesso em: 06 out. 2024.

[31] Global Biodiversity Information Facility. Beija-flor-de-topete-verde (Stephanoxis lalandi). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/3715934345/media/430f63b732335a89c8191ed709fe7c31. Acesso em: 06 out. 2024.

[32] Global Biodiversity Information Facility. Bromélia (Vriesea ensiformis). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4080863331/media/c907b9ddf46a67134c49bec116249380. Acesso em: 06 out. 2024.

[33] Global Biodiversity Information Facility. Cambuci (Campomanesia phaea). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4091937740/media/65430436a9c1ab9f1fddf09f321e8bb6. Acesso em: 06 out. 2024.

[34] GOVERNO DO CEARÁ. Língua nativa de povos indígenas é adotada como cooficial de Monsenhor Tabosa. – https://www.ceara.gov.br/2021/06/04/lingua- nativa-de-povos-indigenas-e-adotada-como-cooficial-de-monsenhor-tabosa/.

[35] SILVA, Apolônio. História - Aracaju (SE). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1823/. Acesso em: 1 out. 2024.

[36] XOCÓ, Kariri. Povos e Comunidades Tradicionais da Caatinga. Instituto Socioambiental (ISPN). Disponível em: https://ispn.org.br/biomas/caatinga/povos-e- comunidades-tradicionais-da-caatinga/. Acesso em: 1 out. 2024.

[37] Plataforma Sons do Sul. Disponível em: https://literaturars.com.br/2021/09/01/plataforma-sons-do-sul-apresenta-biblioteca- sonora-com-sete-linguas-faladas-no-rs/.

[38] POMERANO: uma língua brasileira. Tesouro Linguístico, 06 dez. 2019. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/tesouro-linguistico/2019/12/06/pomerano-uma-lingua-brasileira/. Acesso em: 20 set. 2024.

[39] GOVERNO DO ESPÍRITO SANTO. 29ª Festa Pomerana – Pomerfest movimenta Santa Maria de Jetibá. Disponível em: https://setur.es.gov.br/Not%C3%ADcia/29a-festa-pomerana-pomerfest-movimenta-santa-maria-de-jetiba. Acesso em: 20 set. 2024.

[40] IBGE. Biomas brasileiros. Cerrado. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html. Acesso em: 06 out. 2024.

[41] Global Biodiversity Information Facility. . Lobo Guará (Chrysocyon brachyurus). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/3873636198/media/090b6bdc4760579ce3965c33156434a2. Acesso em: 26 set. 2024.

[42] Global Biodiversity Information Facility. Tamanduá-bandeira (Myrmecophaga tridactyla). Disponível em: https://pixabay.com/pt/photos/tamandu%C3%A1-bandeira-tamandu%C3%A1-mam%C3%ADfero-3974615/. Acesso em: 06 out. 2024.

[43] Global Biodiversity Information Facility. Ipê do Cerrado (Handroanthus ochraceus). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4935677294/media/b7c45608aa66e2a51abbb5ef109a2b6b. Acesso em: 26 set. 2024.

[44] Global Biodiversity Information Facility. Canela-de-ema (Vellozia compacta). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/3061579514/media/c2452a1ee3c443f0d6d06832054397a1. Acesso em: 26 set. 2024.

[45] MACRORREGIÕES HIDROGRÁFICAS BRASILEIRAS. Disponível em: https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/noticias-e-eventos/noticias/ana-e-ibge-lancam-ineditas-bases-de-dados-hidrograficos-do-brasil. Acesso em: 5 out. 2024.

[46] COSTA, Mateus Albino; SANTOS, Mariany Aline Pereira; CINTRA, Ema Marta Dunck. Os retratos da cidade de Goiânia: povos, línguas e paisagem linguística. Anais do Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica do IFG, v. 15, n. 1, 2022.

[47] IBGE. Biomas brasileiros. Cerrado. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html. Acesso em: 06 out. 2024.

[48] Global Biodiversity Information Facility. Teiú (Salvator merianae). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4116411548/media/d116bb12425404552bc678c70c7e18f7. Acesso em: 06 out. 2024.

[49] Global Biodiversity Information Facility. Mandaçaia (Melipona quadrifasciata). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4901431357/media/6e26d2a90b6d4767160eeda2e3710854. Acesso em: 06 out. 2024.

[50] Global Biodiversity Information Facility. Umbuzeiro (Spondias tuberosa).

[51] Global Biodiversity Information Facility . Xique-xique (Pilosocereus gounellei). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/3097043801/media/4f27c82d08235420a2c1f5f54fc4c53a. Acesso em: 06 out. 2024.

[52] VIEIRA, Thiago Roberto Soares et al. Análise dos processos de averbação das reservas legais no Estado de Sergipe. Floresta e Ambiente, v. 20, p. 149-158, 2013.

[53] XOCÓS EM PORTO DA FOLHA. Disponível em: https://infonet.com.br/uncategorized/indios-da-tribo-xoco-em-porto-da-folha-comecam-a-ser-vacinados/. Acesso em: 06 out. 2024.

[54] IBGE. Biomas brasileiros. Pampa. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html. Acesso em: 06 out. 2024.

[55] Global Biodiversity Information Facility. . Sapinho-de-barriga-vermelha (Melanophryniscus atroluteus). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/2634143086/media/7ba6f8226e787b36cbf83d3041debef0. Acesso em: 26 set. 2024.

[56] Global Biodiversity Information Facility. Gato palheiro (Leopardus colocola). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/3355789388/media/cd651c79751ca961b209a5474ad4f1f1. Acesso em: 26 set. 2024.

[57] Global Biodiversity Information Facility. Louro-pardo (Cordia trichotoma). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/3873306454/media/054ab2af1d3086a9cb85fe1e348f7b70. Acesso em: 5 out. 2024.

[58] iNaturalist. Trevo-rosa (Trifolium polymorphum). Disponível em: https://www.inaturalist.org/photos/255147340. Acesso em: 26 set. 2024.

[59] ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em: https://estado.rs.gov.br/idiomas-de-imigracao-mantem-viva-cultura-germânica-ha-200no-brasil. Acesso em: 5 out.2024

[60] COÊLHO, Katiane de Carvalho. Rio Grande do Sul cria Colegiado da Diversidade Linguística do RS. IPOL, 2018. Disponível em: http://ipol.org.br/wp-content/uploads/2018/08/2018.0802-4.png. Acesso em: 01 out. 2024.

[61] IBGE. Biomas brasileiros. Pantanal. Disponível em: https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18307-biomas-brasileiros.html. Acesso em: 06 out. 2024.

[62] Global Biodiversity Information Facility. Sucuri-amarela (Eunectes notaeus). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/3759169220/media/a3375fdefc213907e601fea293f553b9. Acesso em: 26 set. 2024.

[63] Global Biodiversity Information Facility. Tuiuiú (Jabiru mycteria). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/2840342283/media/5321731929ad156404e46d188e722b69. Acesso em: 26 set. 2024.

[64] Global Biodiversity Information Facility. Buritizeiro (Mauritia flexuosa). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/3333503497/media/2d1f0a0486e5634982c731f26a6d5f19. Acesso em: 26 set. 2024.

[65] Global Biodiversity Information Facility. Ipê-roxo – ou Piúva (Handroanthus impetiginosum). Disponível em: https://www.gbif.org/tools/zoom/simple.html?src=//api.gbif.org/v1/image/cache/occurrence/4936191373/media/f7a816f2b0b19430a3d849d6a-38fa3e4. Acesso em: 26 set. 2024.

[66] UNIVERSIDADE FEDERAL MATO GROSSO DO SUL. Pesquisa analisa diferenças entre as línguas indígenas faladas em Mato Grosso do Sul. Disponível em: https://cpaq.ufms.br/pesquisa-analisa-diferencas-entre-linguas-indigenas- faladas-no--ms/. Acesso em: 1 out. 2024.

[67] POQUIVIRI, Elidiane. Estudo aponta que na Amazônia o desmatamento cai, mas queimadas aumentam. UFPB, Paraíba, 2023. Disponível em: https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/estudo-aponta-que-na-amazonia-o- desmatamento-cai-mas-queimadas-aumentam. Acesso em: 01 out. 2024.

[68] FREITAG, Raquel. Não existe linguagem neutra! Gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto: 2024.

[69] TERRA, Renato. “O Brasil pega fogo: gênero neutre”. Folha de São Paulo, 25 de setembro de 2024. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/colunas/renato-terra/2024/09/o-brasil- pega-fogue-genero-neutre.shtml. Acesso em: 26 set. 2024.

[70] ARAUJO, Andréia Silva. O uso variável dos pronomes tu, você e cê na função de sujeito: um estudo do padrão de comportamento referencial. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, 2022.

[71] FREITAG, Raquel Meister Ko et al. Vamos prantar frores no grobo da terra: estudando o rotacismo nas séries iniciais da rede municipal de ensino de Moita Bonita/SE. RevLet-Revista Virtual de Letras, v. 2, n. 2, p. 17-31, 2010.

[72] BLOG DESCOBRINDO A AMAZÔNIA. Segredo Revelado! Mandioca, macaxeira e aipim não são a mesma coisa!! Disponível em: https://flordejambu.com/blog/diferenca_mandioca_macaxeira_aipim/. . Acesso em: 26 set. 2024.

[73] ALTINO, F. C.; YIDA, V. Curau/Canjica: o que contam os dados das capitais. In: MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. (Orgs). Projeto Atlas Linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas. Salvador: Quarteto, 2015, p. 201-217.

[74] PINHEIRO, Bruno Felipe Marques. Pistas linguísticas e paralinguísticas para os sentidos diminutivos. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, 2021.

[75] SCHERRE, M. M. P.; ANDRADE, C. Q.; CATÃO, R. C. Por onde transitam o tu e o você no Nordeste?. Revista de Letras, v. 1, n. 40, p. 164-197, 2021.

[76] Fonte: gramatimemes, Instagram

[77] Fonte: Ivan Cabral

[78] KAMBEBA, Márcia Wayna. Poemas e crônicas: Ay Kakyri Tama = Eu moro na cidade. Manaus: Grafisa Gráfica e Editora, 2013. p. 47.

SEMANA
NACIONAL
DE CIÊNCIA E
TECNOLOGIA

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO
CNPq
UFS UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
LAMID
Línguas & Biomas